UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JOSILENE DE OLIVEIRA FONSECA

NOS ENTREMEIOS DA COSTURA: UMA AUTOFICÇÃO DA MULHER QUE ALINHAVA O CORPO, A ARTE E A DOCÊNCIA

CURITIBA
2023

JOSILENE DE OLIVEIRA FONSECA

NOS ENTREMEIOS DA COSTURA: UMA AUTOFICÇÃO DA MULHER QUE ALINHAVA O CORPO, A ARTE E A DOCÊNCIA.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa: Linguagem, Corpo e Estética do Setor Educação, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestrado em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jean Carlos Gonçalves

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Fonseca, Josilene de Oliveira.
Nos entremeios da costura : uma autoficção da mulher que alinhava o corpo, a arte e a docência / Josilene de Oliveira Fonseca – Curitiba, 2023.
1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.
Orientador: Prof. Dr. Jean Carlo Gonçalves

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Professoras. 3. Linguagem corporal na arte. 4. Arte e educação. 5. História de vida. I. Gonçalves, Jean Carlo. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Bibliotecária: Maria Teresa Alves Gonzati CRB-9/1584

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO - 40001016001P0

ATA Nº1683

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRA EM EDUCAÇÃO

No dia vinte e oito de setembro de dois mil e vinte e tres às 14:00 horas, na sala Online, Plataforma Virtual, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação da mestranda **JOSILENE DE OLIVEIRA FONSECA**, intitulada**: Nos entremeios da costura: uma autoficção da mulher que alinhava o corpo, a arte e a docência**, sob orientação do Prof. Dr. JEAN CARLOS GONÇALVES. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: JEAN CARLOS GONÇALVES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), SUZANA CINI FREITAS NICOLODI (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), SÔNIA MACHADO DE AZEVEDO (ESCOLA SUPERIOR DE ARTES CÉLIA HELENA). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestra está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, JEAN CARLOS GONÇALVES, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

CURITIBA, 28 de Setembro de 2023.

Assinatura Eletrônica
28/09/2023 19:53:05.0
JEAN CARLOS GONÇALVES
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
28/09/2023 16:55:30.0
SUZANA CINI FREITAS NICOLODI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
28/09/2023 17:03:47.0
SÔNIA MACHADO DE AZEVEDO
Avaliador Externo (ESCOLA SUPERIOR DE ARTES CÉLIA HELENA)

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **JOSILENE DE OLIVEIRA FONSECA** intitulada: **Nos entremeios da costura: uma autoficção da mulher que alinhava o corpo, a arte e a docência**, sob orientação do Prof. Dr. JEAN CARLOS GONÇALVES, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 28 de Setembro de 2023.

Assinatura Eletrônica
28/09/2023 19:53:05.0
JEAN CARLOS GONÇALVES
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
28/09/2023 16:55:30.0
SUZANA CINI FREITAS NICOLODI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
28/09/2023 17:03:47.0
SÔNIA MACHADO DE AZEVEDO
Avaliador Externo (ESCOLA SUPERIOR DE ARTES CÉLIA HELENA)

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos

Do desejo da costura um corpo matriz tece as crias

Alinhava em si, três fios cada qual com um ponto

Uriel, Pedro e Sofia que sempre acreditam e juntos voam nas loucuras da mãe.

Ao Bosco, marido e companheiro

O corpo, é um tecido onde narrativas são bordadas

O toque é um ponto de conexão.

O tato é a linha que tece afetos, entrelaça almas em abraços silenciosos.

Ao professor Jean

Tatuar o corpo com fios de memórias, tecer uma história não apenas com palavras, mas com afetos e vivências, só foram possíveis pela tua orientação.
Meu infinito agradecimento pela sua sensibilidade, generosidade e, principalmente pela confiança em mim.

A todas as mulheres bordadeiras de memórias que encontrei ao longo desta história; mãe, avós, irmãs, amigas, professoras e terapeutas, agradeço por contribuírem comigo na tecitura desta escrita. Compartilho um poema, no qual sinto cada uma de vocês.

Maria de Lourdes Velho Oliveira Amália Gil de Oliveira Liduína Borges Velho Emerentina Borges Aneliése de Oliveira Mariliése de Oliveira Sofia Fonseca Zulma Velho Idê Alexandre Margareth Engelbrecht Rosangela Andrade Janete Andrade Elmarina Samways Inecê Gomes Amabilis de Jesus Simone Violanti Glaci Regina Pamplona Maria Otília Wandressen Sônia Maria de Pin Francielli Benedetti Lucimara Lopes Vivian Suemitsu Luzia Lopes Solange Gabre Raquel Zanini Patrícia Pizzani Marice Ribas Teresa Piekarski Margareth Fucus Ana Lucia Kwitschal Luciana Faria Michelle Faria Raquel Angeli Katia Binelli Luciana Irene Nishimura Karin Horn Fernanda Ziemmermann Elisane Galante Milena Silva Andreia Boçon Luciane Krul Alessandra Hendi Santina Bordini Elaine Smyl Waleska Atanazio Kelly Aguiar Wania Wuicik Simone koubik Gladis das Santas Dani Nery Mábile Borsato Ludimila Flávia Gisele Nascimento Scheila Mara Maçaneiro Daiana Lima Guaraci Martins Sueli Araújo Iriana Vezzani Cristiane Marques Luciana Paz Christiane Martins Sonia Machado Azevedo Suzana Nicolodi

Eu-mulher

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo

Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.

Conceição Evaristo

RESUMO

Pesquisa de caráter ensaístico memorial, vinculada à Linha de Pesquisa Linguagem, Corpo e Estética na Educação (LiCorEs), Laboratório de estudos em Educação, Linguagem e Teatralidades (Labelit/UFPR/CNPq) e Diálogos – rede internacional de pesquisa. O trabalho tem como objetivo investigar, por meio da ativação de memórias de uma mulher e professora, a codificação e ressignificação do corpo por meio da arte. Esse texto se apresenta como uma provocação à reflexão sobre as memórias expressas em um corpo que se entrelaça a outros corpos de mulheres e professoras, através de uma perspectiva autoficcional. É, portanto, ao mesmo tempo, experimento e academia, ciência e poesia – uma tentativa de escape às normas, que se conecta à própria vivência e trajetória da autora-artista-pesquisadora.

Palavras-chave: docência; corpo; memória; arte.

ABSTRACT

Essayistic memorial research, linked to the Research Line Language, Body, and Aesthetics in Education (LiCorEs), Laboratory of Studies in Education, Language, and Theatricalities (Labelit/UFPR/CNPq), and Dialogues – an international research network. The aim of this work is to investigate, through the activation of memories of a woman and teacher, the encoding and re-signification of the body through art. This text presents itself as an invitation to reflect on memories expressed in a body that intertwines with other bodies of women and teachers, through a self-fictional perspective. It is, therefore, both an experiment and an academic endeavor, encompassing both science and poetry – an attempt to break free from norms, connecting with the author-artist-researcher's own lived experiences and journey.

Keywords: teaching; body; memory; art.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - CANELA, RIO GRANDE DO SUL (RS) 16

FIGURA 2 - JOGOS DE LINGERIE FINA 18

FIGURA 3 - GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA TEATRAL (GEPT). 21

FIGURA 4 - GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA TEATRAL (GEPT). 21

FIGURA 5 - GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA TEATRAL (GEPT). 22

FIGURA 6 - PALHAÇARIA FEMININA NA EDUCAÇÃO 22

FIGURA 7 - PORVILHO 23

FIGURA 8- DANÇA EM PROCESSO I 24

FIGURA 9 - DANÇA EM PROCESSO II 25

FIGURA 10 - TEATRO E LITERATURA 26

FIGURA 11 - IV BIENAL DE ARTE/EDUCAÇÃO 27

FIGURA 12 - MEU ROSTO, MINHA TELA 28

FIGURA 13 - A EXPRESSÃO PELO MOVIMENTO 28

FIGURA 14 - LÓDZ 29

FIGURA 15 - MULHERES BRASILEIRAS 30

FIGURA 16 - QUANTAS VIDAS A VIDA TEM? 30

FIGURA 17 - ENTRE CORPO, COR E SOM 31

FIGURA 18 - A VIDA EM MOVIMENTO 31

FIGURA 19 - MOSTRUÁRIO 34

FIGURA 20 - ANELIÉSE DE OLIVEIRA 36

FIGURA 21 - ESTUDANTES DO 1º ANO 39

FIGURA 22 - CARTILHA 41

FIGURA 23 - IGREJA DE NOSSA SRA. DE LOURDES 43

FIGURA 24 - PÁSCOA 44

FIGURA 25 - PÁSCOA 44

FIGURA 26 – 16 ANOS 49

FIGURA 27 - 18 ANOS 49

FIGURA 28- FORMATURA MAGISTÉRIO 50

FIGURA 29 - LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA 52

HABILITAÇÃO EM ARTES PLÁSTICAS

FIGURA 30 - LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA 53

HABILITAÇÃO EM ARTES PLÁSTICAS

FIGURA 31 – ENLACE 55

FIGURA 32 - DÉCADAS DE ALINHAVOS 56

FIGURA 33 - A TECELÃ 60

FIGURA 34 – ANIVERSÁRIO DE 5 ANOS 63

FIGURA 35 - CINCO ANOS DE EXPERIÊNCIA 64

FIGURA 36- TTÉIA - LYGIA PAPE 68

FIGURA 37 - EMERENTINA BORGES 71

FIGURA 38 – LIDUÍNA BORGES VELHO 72

FIGURA 39 – AMÁLIA GIL DE OLIVEIRA 72

FIGURA 40 - MARIA DE LOURDES VELHO OLIVEIRA 72

FIGURA 41 – CASAMENTO 74

FIGURA 42- JOSILENE DE OLIVEIRA FONSECA 76

FIGURA 43- SOFIA FONSECA 78

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **15**

2. DESENVOLVIMENTO **16**

2.1 A ESCRITA COMO TECITURA DE SI 16
2.1.1 Corpo em palavra 19
2.1.2 Corpo em dança 23
2.1.3 Arte encena 26
2.1.4 Da + borda + dado, é dado o bordado 33

2.2 CÁRCERE DA EDUCAÇÃO 35

2.2.1 Encontros que encantaram 40
2.2.2 Não adianta bater, eu não deixo você entrar... 42
2.2.3 Para cada tecido um molde 45

2.3 POR QUE PROFESSORA? 47

2.3.1 Fios que tecem 50
2.3.2 Que seja eterno enquanto dure... 53
2.3.3 Costuras em processo 57

2.4 CORPOS EM COSTURA 61

2.4.1 Triste, louca ou má? 64
2.4.2 Entre fios 66
2.4.3 Corpo em si: objeto da pesquisa 67

2.5 METAMORFOSE 69

2.5.1 Fios que tecem, corpos que escapam 69
2.5.2 Costuras em andamento 71
2.5.3 Que nome é esse? 77
2.5.4 Lendas que habitam o imaginário 78
2.5.5 Bordados no corpo 80

2.6 BAINHAS POR FAZER 82

REFERÊNCIAS 85

ANEXOS 88

As costuras com agulhas e fios invisíveis, tecem junto à trama os segredos do corpo. Aos olhos que nada escapa, a verdade é estampada, e a cada olhar, um ponto invisível se desfaz. Os olhos são janelas que acalentam os sonhos, iluminam as ideias e escapam o silêncio. Cada piscar é um enlace, um ponto um alinhavo, que cose o corpo.

Josilene de Oliveira Fonseca (2023)

1. INTRODUÇÃO

De pernas para o ar, cabeça ao vento, livre e leve como um pássaro voo, e me lanço de corpo inteiro no papel da pesquisadora em busca dos fios/ memórias que alinhavam pensamentos, ideias e ideais na tecitura[1] do meu corpo.

Abro minhas asas e deixo-me abraçar pela brisa que sopra trazendo cheiro de coisa nova. É como aquele cheirinho de sapato novo, boneca ou aquelas bolas enormes coloridas que eu brincava quando era criança. Eu adorava rolar por cima da bola com os olhos fechados e deixar-me adormecer abraçada na boneca e nos sapatos novos recém tirados da embalagem.

As gaiolas? Deixei abertas para que o destino possa entrar e sair a qualquer tempo, embora eu não acredite em destino como uma predeterminação. Abraço a ideia de que cada um desenha, redesenha, transcreve e tece sua própria história em vários atos contínuos de fazer, desfazer e refazer as costuras sonhadas e torná-las possíveis... “às vezes”, porque outros sonhos atravessam o corpo e mudam o rumo da história.

Essa escrita é uma retomada dos fios que enlaçam passado e futuro e tecem as malhas do presente. Num movimento contínuo e intenso me permito revisitar o atelier de costura da minha mãe, onde transitei durante boa parte da infância. Lugar este no qual as camadas do corpo que me habitam hoje foram desenhadas, recortadas e alinhavadas no cotidiano da família, que girava entre o trabalho e a vida privada. De ponto em ponto, foram arrematadas com bainhas e bordados que ficaram impressos na minha pele, a mulher em alteridade.

[1] O termo Tecitura utilizado ao longo deste texto, refere-se a ideia de tecer com fios que se entrelaçam no tear e no momento da costura. Nesse sentido, também relaciono o termo tecitura ao ato de escrever, narrar, costurar, produzir tramas e tecidos, o que justifica o uso da palavra com a letra “c” e não com “ss”.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 A ESCRITA COMO TECITURA DE SI

> Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.
>
> **Marina Colasanti**

FIGURA 1 – CANELA, RIO GRANDE DO SUL (RS)

Fonte: SANTOS (2019).

Num movimento intenso de fios, o tear trama e tece o tecido que veste a pele, que veste o corpo, que veste a vida.

Como um grande tear que afeta e transforma os fios, a cidade de Canela RS, representada na figura 1, é um espaço onde vidas são fiadas e tecidas.

Situado nesta cidade, nos anos de 1956 a 1975, o atelier onde minha mãe criava modelos, fazia os moldes, cortava e costurava, era um espaço de veiculação de tendências da moda. Frequentado por mulheres de diferentes pontos de vista, conversavam sobre seus desejos, ansiedades e aspirações. Era quase um consultório terapêutico.

Enquanto a costureira alinhavava as peças para a primeira prova, elas folheavam revistas em busca dos modelos da moda. Conversavam e discutiam relações, fofocavam a vida alheia e às vezes arriscavam algum palpite no campo da política.

As mulheres que frequentavam o atelier da minha mãe, sempre precisavam de uma roupa nova que desse um novo caimento ao corpo idealizado. E, a costureira, nunca deixou de aceitar as encomendas. Ela sempre dava um jeito de satisfazer o desejo delas de habitar uma outra pele, mesmo que fosse por curto tempo. Os figurinos eram minuciosamente analisados. Folheavam várias vezes as muitas revistas até encontrarem um que lhes agradasse. Tais modelos eram publicados na revista Burda[2], e em tantas outras que me provocavam a criar mundos imaginados e habitar outros corpos como daquelas mulheres impressas nas revistas. Embora eu não conseguisse ler os textos escritos, porque suas edições eram em alemão, italiano ou francês, as imagens já me bastavam para que eu deslizasse do meu corpo para aqueles tantos corpos modelos que exibiam com elegância, e ousadia suas peles em forma de roupas.

Dentre as revistas que me conduziam a novas aventuras, a minha preferida era a revista [3]*Butterick*, que divulgava em suas edições modelos de roupas íntimas para variadas situações. Achava que aquelas roupas tão lindas podiam ser usadas para uma festa devido à beleza dos modelos e das cores, e não para dormir, pois a quantidade de laços, fitas e bordados, poderiam enrolar-se ao corpo as cobertas.

---

[2] A Revista Burda foi referência no mundo da moda feminina na segunda metade do século XX, perdurando até os dias atuais. Criada e lançada por Aenne Burda nos anos de 1950 em Offenburg, a revista Burda Moden, divulgava modelos de roupas femininas bem como seus moldes, com o intuito de empoderar as mulheres da época para que confeccionarem suas próprias roupas e vestir-se com elegância. (BURDA,2023).

[3] Butterick, é uma revista de moda colecionável que além de modelos apresenta ao consumidor uma série de moldes. Foi lançada nos anos de 1930 e permanece no mercado até os dias atuais.

FIGURA 2 - JOGOS DE LINGERIE FINA

Fonte: Acervo Familiar.

A ideia de atelier que perpassa a tecitura desta dissertação traz à cena espaços de vivências, memórias afetivas e histórias pessoais que povoam o campo imagético do meu corpo/ambiente, cultural e pessoal, que alinhavo a corpos/ambientes, de mulheres que também trazem nas camadas da pele seus bordados-memórias.

Impressas no corpo, e ativadas por variados dispositivos, essas memórias se ressignificam no gesto artístico e cotidiano; se manifestam sob diferentes intencionalidades. No gesto que escolhe, que executa, que impulsiona, que deseja, que teme, que enfrenta, que acata, gesto que luta, gesto que representa, gesto que joga, gesto que apresenta, que repete, que transforma, que conecta, que impulsiona, que descola, que imprime, que revela, que derrete e renasce num corpo fênix: e parte das cinzas para um novo voo.

Voa alto, porém com a disciplina que a memória relembra o corpo. Embebida pelo desejo de voar, se enrreda e desliza de si para a outra. E assim como o príncipe Segismundo, (personagem central da obra A vida é Sonho, de Calderon[4] de La Barca),

[4] Pedro Calderon de La Barca, (1600- 1681), foi dramaturgo e poeta espanhol é referência do teatro barroco.

que transita entre o mundo da exuberância e da indigência, compreendendo que a vida não passa de uma alucinação, questionando-se sobre: “O que é a vida se não uma ilusão, uma, uma sombra, uma ficção; o maior bem é tristonho, porque toda a vida é sonho e os sonhos, sonhos são.” (LA BARCA, p.47, 1992), ela também sonha que a vida é um sonho.

2.1.1 Corpo em palavra

Esta narrativa se constrói a partir do meu próprio corpo, mulher e professora que se tece em brechas provocadas pelos múltiplos fios que se sobrepõem em movimento e velocidade contínua, na composição de uma performatividade nos modos de agir, calar, comunicar, aprender e ensinar transformar e transformar-se.

Em prontidão para o jogo, meu corpo se coloca em estado de ação, de afecção, compartilhamento e diálogo com dinâmicas de outros corpos de mulheres e professoras com o intuito de refletir sobre a seguinte questão:

A tecitura de uma escrita como produção artística, que tem como base a ativação das memórias da mulher e professora que habita hoje o meu corpo, pode ser um agente de ressignificação do meu existir no campo da arte e da pesquisa?

Na tentativa de encontrar respostas para tal questão, o projeto de pesquisa cujo título: *Nos entremeios da costura: uma autoficção da mulher que alinhava o corpo, a arte e à docência,* é resultado dos afetos, encontros e desencontros da pesquisadora com outras mulheres e professoras que de alguma forma, assim como ela, teceram e costuraram seus corpos com fios de memórias, durante as inúmeras rodas de conversas que entrelaçaram vida e arte e deslizando pelas práticas educativas.

Durante três décadas, permeadas pelo ensino das artes, me encontro costurada à educação e à arte, planejando, colocando em prática, retomando ao ponto inicial e acompanhando os processos de formação continuada das professoras que atuam com as Práticas Artísticas[5] nas escolas municipais de Curitiba.

[5]As Práticas Artísticas compõem o cardápio de Práticas Educativas que norteiam o trabalho nas Escolas Integrais em Tempo Ampliado da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. Com o intuito de ampliar o repertório estético e cultural dos estudantes do município, as Práticas Artísticas possibilitam às Unidades Educativas a definição de uma linguagem artística – Teatro, Dança, Artes Visuais ou Música- para ser explorada por meio da metodologia de Oficina Pedagógica, durante um ano letivo. Tal proposta prevê o aprofundamento dos estudos da arte, na perspectiva de que os estudantes possam experimentar diferentes formas de produção artística pelo exercício da autonomia nas suas próprias produções (CURITIBA, 2020).

A formação continuada se caracteriza por cursos, assessoramentos, workshops, apreciação de espetáculos e visitas a espaços culturais. Eventos estes que maioritariamente são frequentados por mulheres com faixa etária que varia entre 40 e 60 anos de idade, cujas concepções acadêmicas transitam entre diferentes áreas do conhecimento.

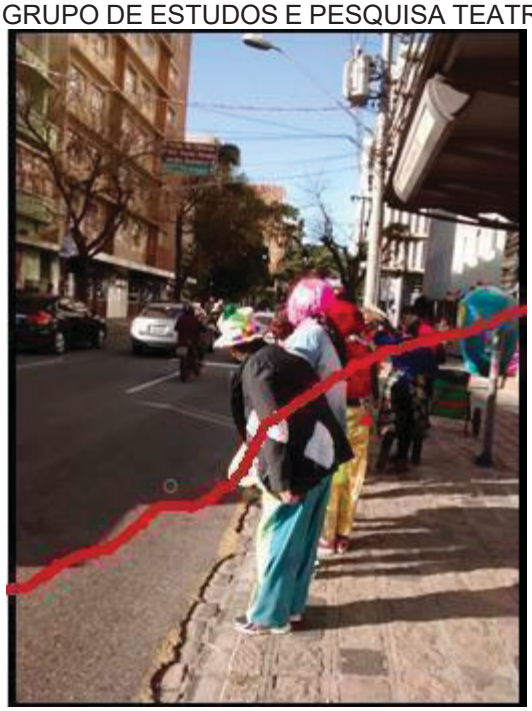
Com o intuito de despertar nas professoras o desejo e a necessidade de experimentar o corpo como instrumento de criação e produção artística, sendo o teatro e a dança o objeto de estudo, no ano de 2006 a proposição de um Grupo de Estudos e Pesquisa Teatral (GEPT), ofertado no turno da noite (horário de descanso das professoras), foi uma estratégia para atrair as profissionais que manifestavam algum desejo de se aproximar da área específica. Num clima de desconfiança e desconforto diante do novo, aos poucos íamos nos entrelaçando e nos fortalecendo a cada encontro.

Os estudos eram conduzidos por profissionais do teatro e da dança que atuam no ensino superior. Embora eu fosse a propositora do projeto, participava sempre como integrante do grupo, a fim de experimentar possibilidades de manifestação do meu corpo, num gesto de cumplicidade com as outras mulheres e professoras durante os processos de criação artística.

FIGURA 3 - GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA TEATRAL (GEPT) .

Fonte: A autora (2014).

FIGURA 4 - GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA TEATRAL (GEPT).



Fonte: A autora (2015).

FIGURA 5 - GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA TEATRAL (GEPT).

Fonte: A autora (2016).

No ano de 2017, permeada pelas discussões de gênero e instigada pelas ações voltadas para a palhaçaria feminina no Brasil, iniciei um movimento formativo com o objetivo de fomentar nas professoras o desejo de experimentar no corpo um estado palhaça. Este movimento foi de extrema potência para o nascimento de novas palhaças que passaram a existir no e para além do ambiente escolar.

FIGURA 6 - PALHAÇARIA FEMININA NA EDUCAÇÃO

Fonte: A autora (2017).

Alinhavada as palhaças professoras me coloco em jogo, permitindo ao meu corpo a experiência da gestação da palhaça *Porvilho.*

FIGURA:7 - PORVILHO

Fonte: A autora (2018).

2.1.2 Corpo em dança

Andar de costas para o vento desperta meu corpo para um estado dançante, leve e flutuante que rodopia no ritmo do vento. O desejo de me sentir livre, move o meu corpo a se mover.

A dança, me encantava ao mesmo tempo que me paralisava. Paralisia de ideias equivocadas, daqueles que defendem a dança para os talentosos habitantes dos corpos idealizados. Eu acreditava que não havia espaço para mim nessa área. Mas no início dos anos de 1990, o encontro com a professora [6]Cybele Cavalcanti foi extremamente significativo para que eu percebesse o corpo e suas múltiplas possibilidades dançantes. Este encontro aconteceu durante um workshop de dança realizado no Centro Juvenil de Artes Plásticas em Curitiba. Promovido pela equipe de Arte Secretaria Municipal da Educação de Curitiba, este evento contou com a

[6] Cybele Cavalcanti, uma das responsáveis pelo desdobramento da dança no Brasil, na perspectiva dos estudos desenvolvidos por Rudolf Laban (1879-1958). Em 1990, durante o processo de escrita do Currículo Básico da Rede Municipal de Ensino de Curitiba – *Compromisso permanente para melhoria da qualidade do ensino na escola pública* (CURITIBA, 1995) – *ela* foi uma das consultoras deste documento. Assim, sua contribuição com a produção deste currículo foi além da leitura e apontamentos ao conteúdo produzido. Ela propôs uma oficina na qual pode demonstrar na prática uma proposta para o ensino da dança a partir da teoria de Laban.

participação da professora Cybele Cavalcanti como docente, a qual desafiou os corpos participantes a explorarem suas possibilidades de movimento. Ela não apresentou nenhum passo ou modalidade para ser reproduzido e sim nos mostrou uma nova perspectiva sobre a dança.

Esta professora, alinhavou em mim a certeza de que a dança é para todos os corpos. E eu, convicta, teci redes, costurei parcerias, bordei com fios de seda o desejo da dança no corpo de mais mulheres, professoras e estudantes da Rede Municipal da Educação de Curitiba.

Entrelaçada a convicção de tantas - Marilas, Gladis, Danis, Ludimilas, Mábilis, Raqueis, Cristianes, Ritas, Roses, Cinthias, Isabeis e Éricas – eu alarguei os laços e costuras que tecem o meu corpo, e juntas nos movemos para que a dança toque infinitamente outros corpos.

Num gesto de amizade e cumplicidade, o desejo da costura corpo e dança nos moveu em prol da liberdade dos corpos reféns da cadeira e da mesa no espaço escolar.

As imagens que apresento a seguir, mostram um pouquinho dos cursos de formação realizado com profissionais da dança e as professoras das Práticas Artísticas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba.

FIGURA 8 - DANÇA EM PROCESSO I

Fonte: A autora (2018).

FIGURA 9 - DANÇA EM PROCESSO II

Fonte: A autora (2018).

Em busca de uma identidade artística e pedagógica, alinhavo o corpo a outros corpos de mulheres e professoras, que juntas experimentamos os limites do corpo em movimento na busca de ocupar os espaços da cidade/corpo que nos habita. Para tanto, eu transito entre a cena, a direção cênica e a produção de cursos e eventos que possam nutrir esteticamente o grupo participante.

FIGURA 10 - TEATRO E LITERATURA

Fonte: A autora (2018).

2.1.3 Arte encena

A aproximação que mantenho com os eventos relacionados à arte organizados pela Secretaria Municipal da Educação de Curitiba (SME), me possibilitam investigar diferentes formas de manifestação do corpo por meio da expressão artística; bem como de observar o que move um corpo a se mover. Estas observações são perceptíveis nas ações da professora produtora de arte e na arte educadora.

Eventos como as Bienais de Arte e Educação[7] da SME de Curitiba, se apresentam como espaços de veiculação de ideias, processos e investigações

[7] A Bienal de Arte/Educação da SME é um evento temático criado em 2011 pela equipe de Arte da SME, com a intenção de estreitar os laços entre a arte e a educação de forma que os profissionais da educação, estudantes e crianças pudessem compartilhar ideias, experiências e produções artísticas. Esta Bienal compreende dois eventos que ocorrem num intervalo de dois anos - um seminário e uma mostra de trabalhos. No Seminário discute-se sobre a produção artística contemporâneas e seus desdobramentos em sala de aula, bem como a temática proposta para a Bienal em questão. A mostra refere-se à exposição dos trabalhos desenvolvidos pelos estudantes, professores de arte e demais interessados. Estra mostra acontece em espaços museológicos da cidade em ambientes digitais em espaços públicos e nas escolas e CMEIs (Centro Municipal De Educação Infantil).

artísticas, onde o corpo e arte se tornam protagonistas do evento. As imagens que compartilho aqui representam alguns trabalhos desenvolvidos com os estudantes, em que o corpo foi utilizado como forma de expressão artística.

Durante o processo de produção das Bienais, as equipes especialistas da SME atuam como mediadoras dos projetos inscritos, sendo os de teatro e dança sob minha responsabilidade. Durante as mediações que realizei, muitas vezes eu me questionava sobre as produções artísticas apresentadas pelas professoras, quanto às suas marcas pessoais e memórias tatuadas no corpo estavam presentes naquelas produções? Embora eu não tenha as respostas aos meus questionamentos, pude identificar nas produções as referências artísticas de cada professora.

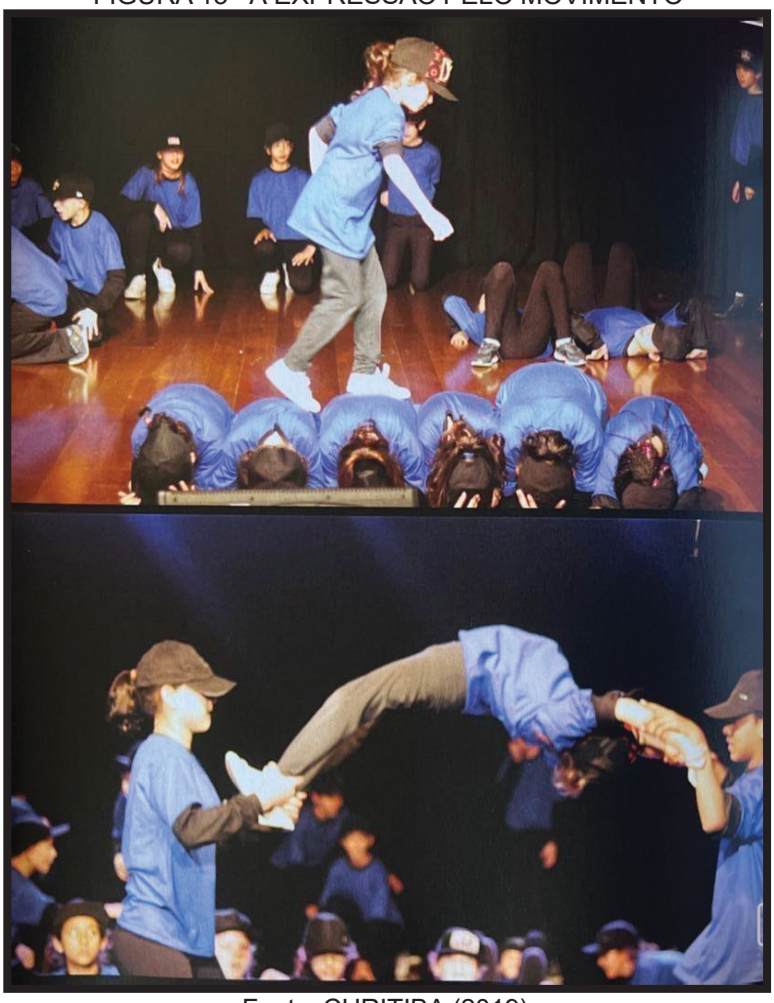
FIGURA 11 - IV BIENAL DE ARTE/EDUCAÇÃO

Fonte: CURITIBA (2019).

FIGURA 12– MEU ROSTO, MINHA TELA

Fonte: CURITIBA (2019).

FIGURA 13 - A EXPRESSÃO PELO MOVIMENTO



Fonte: CURITIBA (2019).

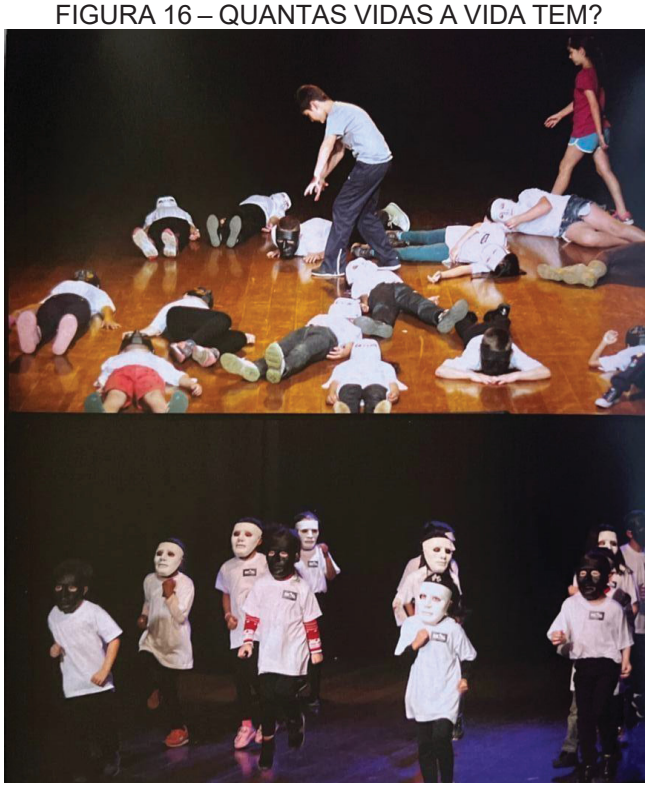
FIGURA 14 - LÓDZ

Fonte: CURITIBA (2019).

FIGURA 15 – MULHERES BRASILEIRAS

Fonte: CURITIBA (2019).

FIGURA 16 – QUANTAS VIDAS A VIDA TEM?

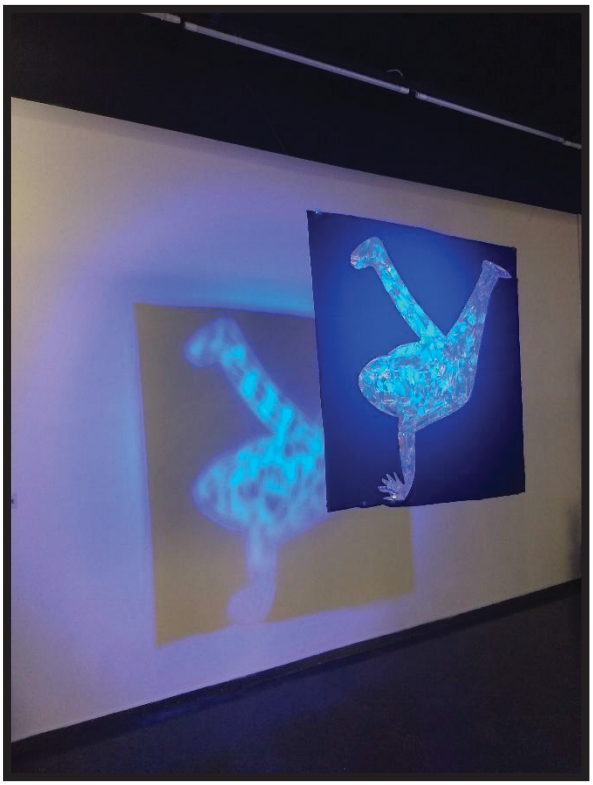


Fonte: CURITIBA (2019).

FIGURA 17 – ENTRE CORPO, COR E SOM

Fonte: CURITIBA (2019).

FIGURA 18 - A VIDA EM MOVIMENTO



Fonte: CURITIBA (2019).

Embora a experiência profissional como professora de Arte especialista em Teatro seja longa e abrangente, o foco desta pesquisa se expande para além da vida acadêmica ou profissional. Tempo este que me move para pensar na formação continuadas das professoras que atuam com as Práticas Artísticas na Educação Integral em Tempo Ampliado, bem como para tecer escritas, ter ideias, olhar e acolher cada fio que desliza entre os corpos das professoras conectados as minhas memórias, e por meio da arte, re-costuro, o meu corpo mulher e professora.

Instigada a conhecer e compartilhar memórias que atravessam nossos corpos, o objetivo central desta pesquisa é: investigar os processos de codificação e ressignificação do corpo por meio da arte, a partir da ativação das memórias pessoais, constituídas nas relações estabelecidas entre à infância e à vida adulta. Objetivo este que se desmembra em outros mais específicos como:

- Identificar a manifestação e a codificação de memórias na construção identitária do meu corpo, mulher e professora.
- Refletir sobre memórias tatuadas no corpo, solidificada na forma de verdades, crenças e tabus.
- Mobilizar a mulher e a professora para o exercício da autonomia nos processos de criação.

Com o intuito de alargar o olhar acerca da subjetividade presente nos processos de criação artística e considerando que os fios que tecem o corpo de mulheres e professoras se desenrolam de inúmeros carretéis e se interligam pela arte, alinhavo o meu em meio a certezas e verdades, a outros corpos que se rasgam e se descosem em atos performativos.

Imersa num meio predominantemente feminino, culturalmente apoiado em bases colonialistas, a protagonista desta pesquisa, experimenta supostas verdades, ainda que por um tempo longo, porém limitado, algumas crenças, tabus, dúvidas, pressões e opressões, que tendem a limitar seu modo de se expressar artisticamente. Ela, a mulher e professora, ainda se vê refém de uma sociedade patriarcal e colonialista.

- Eu nunca tinha assistido a uma peça de teatro.... Quando a atriz tirou a roupa... não sabia se olhava para ela ou fechava os olhos do meu marido. Eu jamais deixaria uma filha ser atriz para ficar nua em cena...

Durante os processos de formação continuada com as professoras, proponho a construção de poéticas artísticas educativas que lhes possibilitem acessar memórias, liberar emoções, perceber o corpo nos vários papéis que desempenha no dia a dia e suas implicações quando colocado em cena. Assim, fazendo uma analogia com a ideia de teatro que Brook, (2011), nos apresenta, memória, realidade e ficção entrelaçadas, seguem o fluxo da agulha ressignificando os pontos e tecendo uma nova costura do corpo.

> Vamos ao teatro para um encontro com a vida, mas se não houver diferença entre a vida lá fora e a vida em cena, o teatro não terá sentido. Não há razão para fazê-lo. Se aceitarmos, porém, que a vida no teatro é mais visível do que lá fora, então veremos que é a mesma coisa e, ao mesmo tempo, um tanto diferente. (BROOK, 2011, p. 8).

Nesse sentido, o exercício cênico pode ser entendido como um forte aliado para descosturar alguns pontos apertados, alinhavar novos conceitos, redesenhar os moldes em busca da ressignificação de si.

-Tudo bem, posso me colocar no lugar da outra. Mas, esta mulher que você está propondo não vai dar.... Não posso fazer... Eu sou casada, tenho filhos...Como vou explicar para eles? Ela traiu o marido...

2.1.4 Da + borda + dado, é dado o bordado

Deslizar entre os bordados do presente/passado tornam cada dobra frisada pelo tempo, uma brecha para repensar o corpo.

As tardes frias, porém, ensolaradas eram um convite ao corpo para andar aproximadamente cinquenta minutos, a passos largos por uma borda de terra e árvores que me levava à casa de uma amiga muito especial - Margarete Engelbrecht.[8]

[8] A Marga, como era carinhosamente chamada, foi minha amiga e companheira de aventuras durante o ensino fundamental I até a 5ª série, quando minha família se mudou para o Paraná. A distância nos afastou por muitos anos, mas com as redes sociais pudemos nos reencontrar. Tivemos a oportunidade de conversar muito, acessar memórias, compartilhar afetos e planejar um encontro. Margarete Engelbrecht, se tornou Pastora da Igreja Luterana, teve dois filhos, viveu intensamente em prol dos pobres, foi dirigente de uma igreja na cidade de Niterói. No ano de 2010, retornou à cidade natal – Canela- para visitar sua mãe, a tia Geni, quando foi acometida por uma embolia pulmonar. Assim a Marga partiu deixando na memória os momentos felizes da infância.

Envolta por uma paleta de cores ofertada pela natureza, meu corpo se deixava tocar pelo perfume, tonalidades e sons que a paisagem me proporcionava. Era o suficiente para o ritmo do coração aumentar. Conforme o trajeto se estreitava para o fim, minhas pernas cresciam e se deslocavam com tamanha velocidade que meu pensamento mal conseguia acompanhar, pois não via a hora de deslizar entre as flores e árvores que nos levavam, - minhas duas ou três amigas e eu - pelo caminho das águas correntes[9], onde meus ouvidos eram seduzidos pelos sons da água que escorria entre as pedras e se lançava cachoeira abaixo como um corpo que derrete e se espalha pelo chão.

Acho que conseguíamos distrair até mesmo Kronos, pois o tempo se alargava num ritmo lento e manso permitindo que o sol brilhasse por entre as árvores aquecendo nossos corpos nos dias mais frios.

Na tentativa de conter os corpos que escapavam por entre a floresta, a senhora, mãe da Marga, que chamávamos de tia Geni, cuidadosamente preparava momentos de teciturras do ser mulher – de acordo com a concepção dela.

O comportamento agradável e doce - talvez o esperado que cada menina/ mulher incorporasse - a tia Geni, nos convidava para uma aula de bordado. Depois servia um lanche delicioso e podíamos brincar mais um pouquinho, e antes do sol se pôr, eu voltava para casa.

FIGURA 19 - MOSTRUÁRIO

Fonte: A autora (1973).

[9] A casa da Margarete era no caminho que ia para a fábrica de papel. Sua casa parecia uma cabana entre as árvores. No meio do mato a poucos metros da casa, tinha uma pequena cachoeira, lugar este que tínhamos que visitar todas as vezes que eu ia lá. Era como um ritual necessário para renovar as energias.

Enquanto a agulha com o fio colorido deslizava pelas tramas do tecido, meu corpo era bordado por sensações e desejos... Já tinha subido em três ou quatro árvores, saltado de uma margem a outra o riacho da cachoeira e dado umas três voltas de bicicleta ao redor da casa. Bordar nunca foi minha escolha.

2.2 CÁRCERE DA EDUCAÇÃO

> Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela. Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.
>
> **Marina Colasanti**

Matriculada na Escola Normal Danton Correa da Silva[10], escola pública referência na implementação da Lei 5692/71, eu, a mais nova, de uma tríade de mulheres, filhas da mesma mãe e pai, fui convencida, (ainda bem), pela minha mãe, que nesta escola eu seria mais feliz que no Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora

[10] A Escola Normal Donton Correa da Silva, situada na Rua Borges de Medeiros, 235, na cidade de Canela – RS. Sua fundação data dos anos de 1960, inicialmente com o ensino do magistério. Nos anos de 1970, foi marcada pelo início do ensino de 1º ao 5º ano, e a implantação da Pré-escola. Nesta mesma época foi introduzido o curso de Aplicação da Lei 5692/71 para todos os estudantes da escola. Atualmente a escola atende estudantes do ensino fundamental I e II, Ensino Médio e o Magistério como profissionalizante.
O colégio ao qual me refiro nesta autoficção, remete aos anos de 1970 à 1975, onde estudei na primeira turma que a escola ofertou de Pré-escola onde segui até ao 5º ano; período que antecede a minha mudança de escola, cidade e estado.

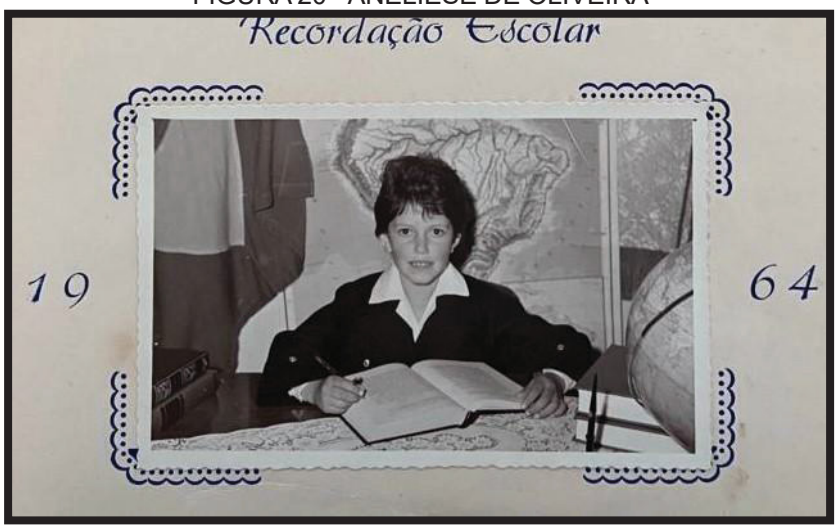
(colégio das freiras), embora ele fosse considerado modelo na educação de crianças e jovens.

As minhas irmãs passaram boa parte da infância e adolescência no colégio das freiras, onde seus corpos foram controlados e aprisionados nas paredes, nas portas, no pátio, nas cadeiras e mesas que compunham o mobiliário das salas de aula. Aprisionamento que se materializou em uma fotografia cuidadosamente ensaiada. Cada detalhe era pensado e organizado pela escola juntamente com o fotógrafo. Não se tratava de teatro, mas a cena se instaurava, os adereços, a cenografia, o figurino e a luz eram intencionalmente ajustados.

O cenário era inventado a fim de criar um clima solene para que o estudante, que não passava de uma marionete, atuasse de forma espontânea, sem ao menos ter sido consultado sobre o desejo de ser fotografado ou não.

O figurino disfarçado de uniforme era impecável, não se admitia uma manchinha respingada de café ou amassado na camisa, se o estudante não o tivesse, o fotógrafo já estava prevenido, trazia uma mala com várias peças. E, quando tudo estava pronto, era só esperar pelo *click* da câmera fotográfica, e então se retirar da sala sem nenhuma explicação. Do lado de fora do estúdio improvisado, outras crianças aguardavam ansiosas a sua vez.

FIGURA 20 - ANELIÉSE DE OLIVEIRA



Fonte: Acervo familiar (1964).

- Erga um pouco a cabeça e olhe para a câmera.
- Segure o lápis como se estivesse escrevendo e a outra mão coloque sobre o livro.

- Mantenha os ombros retos.
- Não fique tão séria, ponha um sorriso nos lábios.

Aneliése é minha irmã, com oito anos a mais que eu. Para mim ela era modelo de inteligência. Embora ela demonstrasse um grande sofrimento ao realizar suas tarefas, revelando o quanto detestava aquele colégio, eu adorava seus cadernos, e os trabalhos que fazia para escola.

Ela conta histórias muito tristes sobre o que as freiras faziam com as crianças que não seguiam o padrão desejado, como por exemplo, o fato dela ser canhota era motivo para ter sua mão esquerda amarrada para que aprendesse a escrever com a direita., ou não saber rezar qualquer oração proposta pela Igreja Católica. Eu me comovia muito e pensava: como que uma irmã que servia a Deus era capaz de uma coisa dessas?

Essa história, compreendi muitos anos depois identificando nas diferentes concepções de ensino o quanto as influências religiosas e políticas atuam no campo da Educação. Descobri que essas influências tatuaram verdades, crenças, medos e tabus no corpo dos estudantes de várias gerações, especialmente das mulheres.

Sem noção do valor simbólico que representam as fotos tiradas na escola naquela época, eu morria de inveja das minhas irmãs, achava que uma foto com o uniforme ao lado da bandeira do Brasil, era o mínimo que uma escola poderia oferecer aos seus alunos.

Ansiosa, imaginava como seria a minha foto. Não via a hora de levar o bilhete para casa comunicando o tão esperado dia. As horas escaparam e o bilhete nunca chegou para mim. Mas com o tempo descobri que a ideia de imortalizar um modelo de educação castradora não condizia com a escola que eu estudava.

Nesse sentido, não fui capturada e presa pela lente do fotógrafo que moldava os corpos de acordo com o seu ponto de vista, nem tive o corpo preso numa imagem que não me representava.

Acredito, que foi um gesto sutil de resistência por parte da equipe gestora da Escola Normal Danton Correa da Silva. Embora vislumbrasse uma educação inovadora conforme a LDB 5692/71 propunha, a escola nem sempre cumpria os preceitos vigentes.

Mas nem tudo que reluz é ouro! Com os olhos voltados para o futuro e os pés amarrados no colonialismo, as práticas educativas perpassavam pelo falso ideal de

amor à Pátria. Reforçava-se as relações de poder impostas pelo governo, as desigualdades sociais, a invisibilidade da população negra, indígena e das mulheres. E, na perspectiva da produção em série, boa parte das atividades educativas eram cópias estereotipadas de modelos pré-determinados, especialmente dedicados para a Educação Artística, assim denominada a disciplina de arte.

Os corpos robotizados dos estudantes e da população em geral, eram controlados, perseguidos e encarcerados em seus pensamentos e desejos, mas nas comemorações cívicas eram destacados. Na escola, o corpo educado para ser refém da cadeira e da mesa, ficava imóvel, isolado em si, para aprender a repetir e condicionar a mente até que os conteúdos e as ideologias se fixassem na pele.

Eu era uma menina que adorava brincar, conversar e estar em contato com a natureza, mas não conseguia lidar muito bem com o meu corpo, desejava ser bem baixinha, pois as crianças que eram assim, ocupavam sempre o primeiro lugar na fila, na sala de aula ou em qualquer situação. Eu era uma das mais altas da turma e isso se fixava em mim como uma coisa ruim. Na foto que apresento aqui, estou no fundo da sala ao lado direito do observador.

Mas, nem sempre era assim. Tinha o meu dia de “glória” (ou cárcere talvez), nos desfiles cívicos eu era a “primeirona” da fila. De cabeça erguida, peito estufado para a frente, orgulhosa da minha altura, eu desfilava pelas ruas da cidade me sentindo a rainha da bateria de uma escola de samba (embora eu nunca tivesse visto um desfile de carnaval ao vivo).

Marchando ao ritmo da banda do Colégio Marista, aquele desfile nada mais era que uma forma de exibir os corpos automatizados e não pensantes.

FIGURA 21 - ESTUDANTES DO 1º ANO

Fonte: Acervo familiar (1970).

Mas, mesmo diante de uma concepção de ensino castradora, o tempo que estudei nesta escola só tenho boas lembranças. Éramos livres para brincar e aprender com prazer. Tinha muitas amigas e amigos, um namoradinho que queria me conquistar com os lanchinhos gostosos vendidos pela diretora durante o intervalo do recreio.

Tinha também o lanche preparado pela Dona Margarida, que só pelo nome dela, já dá para imaginar a doçura que habitava aquele corpo.

Com os ingredientes levados pelos estudantes, ela preparava uma sopa que dava água na boca. Às vezes eu levava uma cenoura, um ovo ou um pacotinho com arroz e uma lasca de lenha para aquecer o fogão.

Meu mundo não ia além da cidade de Canela, eu não sabia da real situação que o Brasil enfrentava, pouco ouvia falar sobre política, era um assunto velado. Foram tempos longos e sombrios que permearam a educação brasileira.

Formatado pelas relações de poder e entendido como suporte sem cabeça, o corpo foi marcado pela submissão, obediência, medo e insegurança, cujo lema era “morrer pela Pátria e viver sem razão”, como disse Geraldo Vandré na canção *Para não dizer que não falei das flores.* (VANDRÉ, 1968).

> Num tom de voz baixo, quase um cochicho, eu ouvia minha mãe falar:
> Cuidado que as paredes têm ouvidos!

Eu não entendia a metáfora, mas sentia no corpo uma sensação desagradável de medo, e ao mesmo tempo imaginava as paredes da minha casa com orelhas enormes que brotavam nas frestas da madeira, e por elas entravam e saiam sons; como se as paredes espiassem nossa vida privada.

2.2.1 Encontros que encantaram

O encontro entre a leitura, escrita e o teatro aconteceram na mesma época. São marcas tatuadas em mim, que estão vivas e ativas, eternas no meu corpo.

A leitura aconteceu como uma mágica. Deitada na minha cama com um livro eu fingia estar lendo, mas como um passe de mágica me dei conta que não estava fingindo, eu já conseguia ler, saí correndo para mostrar para a mãe a minha descoberta.

O processo de escrita foi permeado por uma história talvez inventada pela professora alfabetizadora. Essa história foi se construindo ao longo do processo de alfabetização. Protagonizada por dois personagens - Verinha e Renato, se construiu a partir de uma narrativa cotidiana.

FIGURA 22 - CARTILHA

Fonte: A autora (1972).

O encontro com o teatro se deu num dia daqueles em que as professoras, munidas de coragem, conduzem a turma para um passeio. Fomos parar num auditório, cujo palco continha uma enorme tenda, de formato ovalado. No seu interior uma casa organizada com móveis e adereços, era o espaço cênico de uma história contada por dois atores e duas atrizes, da qual não me lembro de nenhuma palavra pronunciada por eles. Mas, dos corpos em movimento, interagindo e jogando uns com os outros, do figurino colorido e dos sons que produziam. *Ahhhhhh*! Isso eu lembro.

Foi uma experiência diante do novo e do inusitado em que o desejo de estar em cena foi maior que eu. Num determinado momento da peça, um dos atores convidou um voluntário para subir ao palco. Já dá para imaginar onde eu fui parar... Agi por impulso e acolhi o meu desejo. Mas só percebi onde estava no momento em que o ator perguntou o meu nome, daí para frente só lembro do corpo paralisado e o coração disparado no peito. Nesse momento descobri que o meu “destino” se costurava às artes.

Os espetáculos circenses, e na única peça de teatro que assisti na infância, foram o começo dos ajustes aos pontos da costura no corpo da mulher, professora e artista. Eventos que trazem à cena atual, as memórias da palhaça ainda criança que

reproduzia em casa, quase todos os números apresentados no circo que animavam as noites de verão em Canela.

O elo com as artes, conecta-se a um mundo imaginário que só eu posso acessar; as imagens que compõem esse acervo imagético, passam por cada estação do ano, diferentes regiões da serra gaúcha e principalmente pela relação com os ciganos que acampavam na cidade durante a temporada de verão.

Embora eu sentisse muito medo das lendas que giravam em torno dos povos ciganos, eu observava atentamente os gestos, roupas, lenços, joias, sapatos que compunham seus figurinos.

O desejo de me aproximar delas, as mulheres coloridas e cheias de joias, conhecer e explorar seus acampamentos, era imenso e proibido. Mas eu não me dava por vencida. Estava sempre pronta para buscar alguma coisa que minha mãe precisasse do comércio local. Era a desculpa para sair e passar bem devagarinho bem pertinho do acampamento, porém, do outro lado da rua, observando atentamente cada detalhe da vida cigana.

2.2.2 Não adianta bater, eu não deixo você entrar...

Eu morava a uma quadra da Igreja de pedra, na rua Visconde de Mauá, nº 750. No inverno, a Igreja era o ponto mais caótico do frio. O vento voava em torno da majestosa arquitetura de pedras arrancando a touca da cabeça e bagunçando os cabelos daqueles que passavam. As saias eram as preferidas do vento, ele passava zombando das mulheres e deixando-as com a bunda à mostra. As sombrinhas? Não sobrava uma para contar história. O vento se encarregava de virá-las do avesso e sair assoviando como se nada tivesse acontecido.

FIGURA 23 - IGREJA DE NOSSA SRA. DE LOURDES

Fonte: MIGUEL (2013).

Com o chão branco de geada, saía de casa pela manhã bem cedinho para ir à escola. Meu corpo era empilhado se adaptava às várias camadas de pele/roupa, embora me proporcionasse um certo desconforto ao me movimentar. Trilhava o caminho coberto pela geada, passava pela igreja de pedra segurando a touca, o cachecol, a pasta com os cadernos e os ingredientes para o lanche, que a doce Margarida prepararia mais tarde para todos os alunos.

Meio desajeitada com tanta coisa para carregar, eu passava na casa da minha professora que ainda estava terminando de se arrumar para mais um dia de trabalho. Batia na porta, esperava um pouco e logo sua mãe vinha me receber, com um sorriso nos lábios me convidava para entrar.

A mesa já estava posta para o café da manhã, o fogão a lenha aceso deixava o ambiente muito agradável. A professora era um pouco esquisita, acho que usava peruca e quando sentava para tomar café ela despejava o conteúdo da xícara no pires e tomava. Eu achava muito estranho... minha mãe me mataria se eu fizesse isso.

Na época da páscoa, na sala ao lado da cozinha tinha uma cesta enorme com ovos de galinha decorados e recheados com amendoim. Eu olhava atentamente cada um e via neles uma identidade única. Era difícil escolher um entre tantos, mas mesmo assim eu acabava escolhendo uns três por dia.

FIGURA 24 - PÁSCOA

Fonte: A autora (2023).

FIGURA 25 - PÁSCOA

Fonte: A autora (2023).

Afetada pelas experiências da infância, decorar os ovos de galinha para a páscoa é um ritual de afeto que cultivo entre mim e os meus filhos. Durante a semana Santa em volta da mesa, com pincéis e tintas, bordamos as frágeis casquinhas de ovos para depois recheá-las com chocolatinhos e amendoins.

Eu tinha seis anos, estava na Pré-escola e minha professora se chamava Marlene Riva. Juntas, lado a lado, caminhávamos até a escola. Eu, com todas as camadas de roupas, touca, manta e um sapato recheado com lã de carneiro, me sentia uma boneca de pano.

Ainda que o excesso de roupas me deixasse uma boneca de pano, eu conseguia tocar o corpo no chão rolando pelas rampas gramadas que rodeavam o espaço externo da escola, subia e descia das árvores do bosque, pulava na caixa de areia me sentindo uma atleta medalhista no salto em altura, galopava feito Don Quixote e seu Rocinante, num tronco de árvore que havia caído em uma noite de tempestade.

Eu habitava a escola como meu próprio corpo. Cada espaço percorrido, uma história era bordada em mim. No meu corpo/memória carrego os cheiros, cores e tons das estações do ano e as sensações que tomavam conta de mim.

Nos dias em que o sol descansava, as nuvens desciam do céu em forma de algodão doce e cobriam de cerração cada pedacinho da cidade. Esses dias eram os melhores momentos para ouvirmos histórias, brincar de se esconder ou com as

bonecas de papel. No inverno, a geada cobria tudo e o frio nos convidava a correr e pular para manter o corpo aquecido. Mas quando a neve chegava... *Ahhhhhh*... Que delícia! O mato, a grama e os telhados eram cobertos de gelo. Os dias ficavam propícios para construir bonecos de neve e guerrear entre amigos.

Mas, a estação que eu mais gostava era a primavera; o cheiro das flores, do mato e o sol por entre as árvores criava formas e imprimiam as sombras no espaço me mostrando figuras que só eu conseguia enxergar. Deitar na grama e olhar as nuvens correndo e brincando pelo céu, eram momentos de magia em que ursos, carneiros, silhuetas de bonecos gigantes, vovôs e vovós entre tantos personagens que passavam diante dos meus olhos.

Quando o verão se aproximava era o sinal de que as férias estavam chegando, então brincar de roda tornava-se um evento que envolvia a turma toda numa ação dramática norteada pela letra das músicas. Nossos corpos dançavam até a exaustão.

2.2.3 Para cada tecido um molde

No ano de 1975, mudamos para o estado do Paraná, na cidade de São José dos Pinhais, marcado na minha memória pelo conservadorismo. Logo na chegada foi um choque, mas acabei me acostumando, caso contrário seria excluída dos grupos. Sem que eu percebesse fui encaixotada nos valores e na moral defendida pelas famílias locais.

Estudei sempre na escola pública, mas no Ensino Médio foi diferente, pois já morava na cidade de Curitiba. Nos anos de 1980, sob minha escolha, eu fui para um colégio de freiras frequentado só por meninas. Na verdade, eu queria trilhar o mesmo caminho das minhas irmãs.

Assim, considerando o meu desejo de cursar no ensino superior à medicina, era prudente que no Ensino Médio eu me aproximasse da área da saúde. Convenci meus pais de que seria melhor para o meu futuro eu cursar o profissionalizante em Análise de Patologia Clínica, no colégio Sagrado Coração de Jesus, em Curitiba, pois era um desejo estudar numa escola confessional.

A escolha não foi assertiva. Me dei mal desde a primeira semana quando percebi que eu estava transitando num universo que eu jamais tinha visto até então. O uniforme era uma calça de moletom azul marinho e uma camiseta branca com

detalhes em bordô com um casaco da mesma cor; tinha também a saia, que minha mãe não comprou.

Para minha surpresa, as meninas usavam o mesmo uniforme que eu para chegar no colégio, no entanto para a saída elas dobravam a saia várias vezes na cintura ficando bem acima dos joelhos; se maquiavam, soltavam os cabelos e ainda colocavam sapatos de salto.

Eu, “convencida” de que a saia não podia ser tão curta e que aquele comportamento não era adequado, me sentia apavorada e deslocada, pois todas as minhas iniciativas de satisfazer o meu desejo de usar roupas curtas foram amarrados e costurados com muitos fios que me imobilizavam diante do desejo de ser igual, mas diferente das minhas colegas.

Aos poucos o estado de choque foi se desfazendo e logo me reconheci em outras meninas, assim como eu, que gostavam de música, andar de patins, passar o dia na piscina com os amigos, dançar, cantar, fumar, beber e a noite se divertir até o dia amanhecer.

Percebi que aquelas meninas seguiam os mesmos caminhos traçados provavelmente por suas mães e avós. A saída do colégio era um palco, onde as meninas com o intuito de arrumar um bom partido para casar, se apresentavam como produtos na prateleira, a uma plateia predominantemente masculina, que estavam todos os dias no mesmo horário escolhendo os produtos que iriam consumir.

Eu ficava confusa, não sabia ao certo se queria casar e ter filhos assim como elas, ou se continuaria estudando para me tornar médica.

FILHA MINHA NÃO VAI DEPENDER DE MARIDO

A polifonia de vozes que ecoavam em mim afirmando que mulher não pode depender de marido, soava em meus ouvidos como uma ideia emancipatória, que não cabia para as minhas colegas do colégio das freiras. Mas para mim era uma determinação...

2.3 POR QUE PROFESSORA?

> Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias. Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.
>
> **Marina Colasanti**

Nas tardes frias de inverno, as mulheres que frequentavam o atelier de minha mãe em busca de um novo modelo, tagarelavam sem parar e eram unânimes em defender a ideia do magistério como a melhor opção para uma mulher decente. Muitas que defendiam essa ideia eram donas de casa, mas nutriam o desejo de ingressar no mercado de trabalho.

Eu fingia não ouvir o que elas diziam, preferia inventar minhas próprias histórias e contá-las para as minhas bonecas de papel, pois tinha total autonomia sobre elas, sabia o desejo de cada uma, dos modelos que preferiam, as cores que mais gostavam, a vida que sonhavam para o futuro.

Imersa no meu mundo secreto, eu era a professora que ensinava as bonequinhas, aparentemente frágeis por serem de papel, mas fortes o suficiente para resistir às opressões impostas na época.

Do meu jeito professora, ensinava-lhes a ter autonomia sobre seus desejos, mostrava que eram livres em suas escolhas, que elas podiam sim desobedecer, se rebelar, tecer seus próprios sonhos.

Na verdade, os ensinamentos às minhas bonecas de papel, não passavam de uma forma secreta de agir e dar a elas a autonomia de escolher suas próprias roupas.

Eu sonhava ser uma mulher independente, atuante na área médica, não pensava no magistério, acho que esse era um jeito de resistir a ideia equivocada de que para as mulheres o magistério era a única opção.

FILHA MINHA NÃO VAI DEPENDER DE MARIDO!!!

Como um eco que não cessava nunca, a frase pronunciada tantas vezes por minha mãe, se tornou quase uma obsessão para ela o desejo de formar as três filhas no magistério. Sentada por horas junto a máquina de costura, custava-lhe um corpo dolorido, porém satisfeito ao ter a certeza de que garantiria a tão desejada educação de qualidade para as filhas.

Minha resistência durou até o primeiro ano do Ensino Médio quando decidi pelo curso de Análise de Patologia Clínica, o qual me fez decorar o nome de todas as espécies de pulgas e vermes, sem ao menos compreender o sentido de estudar aquilo tudo, além de ter que dar conta da matemática. Era um horror, um desperdício de tempo que resultou numa reprovação.

Te dei uma oportunidade e você não aproveitou. Agora vai fazer magistério.

Professora é a melhor profissão para uma mulher. Vai ganhar seu próprio dinheiro e ainda vai ter tempo para cuidar da casa e dos filhos.

Certa de que essa seria a melhor opção, a mãe me matriculou no Instituto de Educação do Paraná, junto com minha irmã que cumpria apenas as disciplinas específicas do curso de magistério, pois já havia concluído o Ensino Médio.

Embora o magistério não tenha sido a minha primeira opção, ele se tornou desafiador, abracei a ideia de ser professora, segui os estudos concluindo com mais dois cursos de aperfeiçoamento, um voltado para a Pré Escola, e o outro na área da Deficiência Auditiva.

FIGURA 26 – 16 ANOS

Fonte: Acervo familiar (1980).

FIGURA 27 – 18 ANOS

Fonte: Acervo familiar (1982).

A ideia de me tornar uma professora cada vez mais qualificada se tornou uma militância diante dos gestos preconceituosos, racistas e retrógrados manifestados por várias professoras, - “especialistas” do magistério. Eu não me enquadrava na imagem estereotipada de professora. Por esse motivo, julgavam a minha aparência, os meus cabelos longos e cacheados, as roupas que vestia e os sapatos que calçava. Meu comportamento era considerado inadequado, pois eu era da turma do banheiro que se reunia para fumar.

Esse cabelo não é adequado para uma professora.

Você não vai poder fazer estágio...

Um absurdo uma professora com esses sapatos! Não combinam com uma moça. O que vão dizer as crianças?

Embora eu não considerasse a opinião da maioria das professoras que me julgavam, foi necessário muito argumento para me defender e provar que a competência pedagógica independia da roupa ou do cabelo da profissional.

Mesmo diante dos desafios enfrentados concluí o magistério, com direito a formatura e baile.

FIGURA 28 - FORMATURA MAGISTÉRIO

Fonte: Acervo familiar (1982).

2.3.1 Fios que tecem

“Tudo passa pelo corpo. Inclusive a vida. O corpo é um livro que guarda em suas entranhas a história de cada autor seu.” (PAVANI, 2011, p. 8). Corpos que não só guardam mas ressignificam histórias, não se encerram em si, se constroem, existem na relação com o outro.

Muitas peças alinhavei no corpo, desfiei e realinhei até me ver no papel da professora. A costura ainda era um ensaio, quando um convite para integrar o coro do grupo Madrigal Pró Arte, me conectou com o mundo das artes.

Voltado para o canto lírico, este grupo era referência em Curitiba, com presença marcada em eventos, casamentos, bailes e festas. Mas o principal objetivo do grupo era inscrever o canto lírico na cidade. Assim, criou-se um movimento para a realização da montagem da Ópera La Traviata, de Giuseppe Verdi.

Com um elenco composto por músicos e cantores locais e de outras regiões do sul do país, o grupo contou com a participação do tenor Carlos Pizzini do Teatro Colón em Buenos Aires, e com a regência do Maestro Frederico Ger ling Junior.

Participar da montagem e produção desta ópera, me aproximou do teatro; me despertou o desejo de estar em cena, cantar, mergulhar no mundo das artes. O canto me fez acessar uma memória musical construída na infância.

Tocar um instrumento era o meu sonho. Gostava de piano, no entanto eram poucas as pessoas na cidade que tinham um em suas casas. Minha mãe dizia que

nunca teríamos um, devido seu alto custo. Eu me conformava, mas nem tanto. Dei um jeito e ingressei na bandinha rítmica, da professora Joana (a única da cidade). No começo eu tocava um triângulo, mas achava quase que humilhante tocar aquele instrumento. Não demorou muito ela me deu o xilofone. O som produzido por cada nota não saia dos meus ouvidos, conseguia tocar sem ao menos estar perto dele, tudo acontecia na minha cabeça. O xilofone deixou de ser um desafio, eu queria mesmo é tocar o clarinete, mas este, só quem podia comprar é que tocava. Fui para casa muito triste, pois imaginava que nunca teria meu clarinete, assim como o piano.

Então, desenhei na parede ao lado da minha cama a escala musical e lá eu tocava como uma musicista renomada, pois as notas, eu as tinha impressas no corpo, era só tocar. Mas, então minha mãe comprou um clarinete, foi quando passei a integrar o grupo como proprietária do meu instrumento.

FILHA MINHA NÃO VAI DEPENDER DE MARIDO!!!

A profecia se cumpriu, e num movimento intenso que mobilizava a mãe e o pai para que eu e minhas irmãs tivéssemos acesso a uma formação acadêmica, se fortaleceu ainda mais com a minha entrada na universidade, pois fui a primeira das filhas a passar no vestibular.

Embora a medicina ainda fosse um desejo, eu tinha a música como parte de mim pulsando no corpo. O instrumento, não era mais o clarinete, mas uma flauta doce. Assim, meu ingresso no Ensino Superior, foi pela música a primeira opção, a qual considero como uma estação de transição. Eu acreditava que meus conhecimentos musicais eram suficientes, eles nunca me desmentiam, estavam sempre presentes soando em meus ouvidos. No entanto, no primeiro ano do curso de Educação Artística com Habilitação em Música, eu descobri que não poderia seguir até o final, pois meus conhecimentos empíricos me impediriam de acompanhar as demandas de uma licenciatura em música.

Incentivada pela professora de desenho e composição visual, Carmem Carini, desembarquei na segunda estação. Prestei um novo vestibular, na área das Artes Plásticas e passei a frequentar este curso.

Ampliei meu olhar para o campo das visualidades, agreguei aos conhecimentos musicais e o desejo de me tornar uma professora de arte, alinhavei minha trajetória de vida ao campo da educação. O meu primeiro emprego foi numa escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental, onde eu inventava e colocava em prática minhas ideias, mesmo não tendo noção sobre quais as bases teóricas embasavam minha prática.

Durante o curso de Educação Artística algumas disciplinas eram comuns à todas as habilitações, dentre elas a de teatro, ministrada pelo professor José Carlos de Proença, o mentor do curso de Artes Cênicas, da Faculdade de Artes do Paraná, o qual só foi aprovado no ano de 1992. Esse professor despertou em mim o desejo de me aprofundar mais sobre a linguagem do teatro.

Embora essas aulas tenham me seduzido, o eco das palavras tantas vezes pronunciadas pela minha mãe, pulsava no meu corpo impedindo que eu me aventurasse para o curso de bacharelado em teatro. Eu acreditava que os trilhos da arte não me proporcionariam segurança e estabilidade a ponto de não depender de um marido. Nesse sentido a licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, era uma forma de me conectar com a arte, mesmo que não fosse o teatro, e manter uma estabilidade profissional. Assim concluí a licenciatura e me mantive como professora de arte para estudantes do Ensino Fundamental I e II durante três anos.

FIGURA 29 - LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA
HABILITAÇÃO EM ARTES PLÁSTICAS

Fonte: Acervo familiar (1986).

FIGURA 30 - LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA
HABILITAÇÃO EM ARTES PLÁSTICAS

Fonte: Acervo familiar (1986).

2.3.2 Que seja eterno enquanto dure...

> Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer. Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.
>
> **Marina Colasanti**

Habitando um corpo metade cinderela e a outra metade Merida, teci laços matrimoniais. Afinal, já estava "apta ao casamento" – conforme o molde que se ajustava em mim até então já cursava a licenciatura em Educação Artística sendo uma professora normalista.

O casamento na minha família nunca foi uma obrigação, no entanto, era tratado como algo inerente às mulheres. Nunca questionei essa ideia, me parecia tão natural que nem imaginava outra possibilidade.

Embora acreditasse no casamento como união estável e infindável, eu estava convicta de que não se tratava de uma relação de posse, e sim de cumplicidade. No entanto, ao ouvir o comentário de uma colega de turma a respeito do casamento, -

que seja eterno enquanto dure - me deixou extremamente abalada, jamais tinha pensado sob essa perspectiva. Mas o choque que levei serviu para acordar a Cinderela a tempo de ver a vida e deixar que a Merida se pronunciasse.

Estava ainda no primeiro ano do curso de Educação Artística quando me casei. Embora eu fosse uma jovem de apenas vinte e dois anos, não tornei o casamento a única opção de relacionamento, a partir dele expandi relações com o corpo, com a arte e com novas amizades.

Ainda que o ritual tenha priorizado o sagrado, ao entrar na igreja, vestida igual a tantas outras mulheres, percorrer a nave central da igreja e ser entregue pelo pai ao futuro marido, este gesto, infinitas vezes, de inúmeras maneiras, em diferentes tempos e espaços, se torna automatizado, industrializado, capitalizado, uma produção em série.

FIGURA 31 – ENLACE

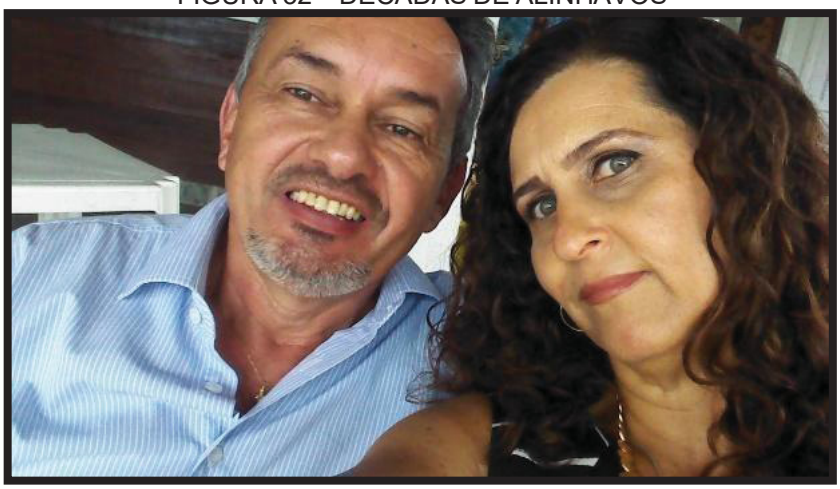
Fonte: Acervo Familiar (1986).

A vida a dois era intensa, além do trabalho, estudávamos e praticávamos esporte, ainda não havia espaço para ampliar a família, mas depois de onze anos de casados o desejo de ser mãe foi mais forte. Grávida pela primeira vez, meu corpo costurou uma vida que gradativamente ia se constituindo como ser.

O meu corpo, se transformava e aumentava visivelmente a cada mês. Eu parecia uma lua robusta, a mais cheia de todas. Ainda no meu ventre, teci laços eternos com um menino chamado Uriel.

Quatro anos depois, vivemos momentos apreensivos; a doença pairou sobre a minha irmã. Um câncer de mama abalou seu corpo deixando que a vida passasse por um fio. Num clima de disputa entre a doença e a cura, um ponto foi bordado em mim. Ponto cheio que se multiplicou no desejo de viver. Meu ventre abrigava inúmeros pontos cheios. Eu estava grávida de um menino, o qual tive a certeza desde o primeiro bordado, que se chamaria Pedro Gabriel. Mas não parou aí! Dois anos depois eu estava grávida, e desta vez os fios se tramaram de um jeito tão lindo que teceram o corpo da menina Sofia.

FIGURA 32 – DÉCADAS DE ALINHAVOS



Fonte: Acervo familiar (2023).

2.3.3 Costuras em processo

Eu já havia terminado as Artes Plásticas, estava casada e trabalhando como professora na rede privada de educação. Aparentemente a estabilidade pairava na vida recém casada. Mas nem tanto que reluz é ouro.

A metade Cinderela vivia o sonho encantado; era professora num turno e no outro corria pela floresta encantada dos afazeres domésticos. A metade Merida era feminista militante dos direitos da mulher, embora não soubesse muito bem sobre a causa que defendia. A princesa voou alto, se envolveu mais ainda com a arte, tornou-se uma professora de tantas outras professoras. Compreendeu que seu corpo não cabia mais na Cinderela. Descobriu que, embora os estudos sobre o corpo tenham avançado muito, os discursos conservadores estão presentes em diferentes áreas da sociedade, afetando as mulheres e mantendo-as em inúmeras desvantagens em relação à figura masculina.

As histórias correm, pulam, mudam de direção, trilham estradas, tecem novas redes, se vestem de si e ocupam o corpo da mulher e professora na Rede Municipal de Ensino de Curitiba.

A vontade de alçar vôos para além do ensino privado, me fez prestar concurso para o magistério no município de Curitiba, o qual assumi como professora no Ensino Fundamental I, em julho de 1990, ingressando na Escola Municipal Piratini, onde iniciei uma carreira profissional voltada para o ensino público.

Passar neste concurso foi um privilégio, a partir dele que eu pude refletir sobre o papel do ensino da arte na educação do cidadão, a importância de: compreender os lugares de fala das mulheres, professoras e estudantes e assegurar a arte nos currículos escolares para todos os níveis da educação.

Curitiba, 30 de julho de 1990. Com o pensamento acelerado, organizava uma rotina de professora que assumia o magistério como rota a ser trilhada. Ideias de planejamentos, propostas de trabalho e a arte reverberavam no meu corpo o desejo de fazer uma educação significativa para os estudantes da rede pública. Afetada pelo pensamento Freiriano, me sentia empoderada para exercer a função que me caberia. Pactuava com Freire (1992), sobre a importância da leitura de mundo na construção identitária de um povo (FREIRE, 1992). Acreditava que as demais professoras também se sentiam como eu, que seriam militantes na educação pública, que o olhar crítico se estenderia para a prática em sala de aula.

Mas ao longo de três décadas descobri que a realidade não era bem como eu imaginava. Muitas das profissionais ainda estavam presas a concepções de ensino tradicionais e tecnicistas. E, o desejo de militar por uma educação inclusiva não cabe a todas. Infelizmente.

Ansiosa por colocar em prática tantas ideias, logo me apropriei da proposta curricular para o ensino da arte na rede municipal de ensino de Curitiba. Abracei as oportunidades e engajei a Associação de Arte Educadores do Paraná, participei de muitos cursos ofertados pela mantenedora, bem como, de congressos, palestras, grupos de estudos e eventos relacionados.

Num movimento de defesa da arte como área do conhecimento, realizei com os estudantes várias exposições e montagens cênicas. Em um desses eventos, a equipe de Arte da Secretaria Municipal da Educação gostou muito do trabalho apresentado e me convidou para integrar o grupo.

A partir deste convite, um novo molde se estendeu sobre mim, e cautelosamente foi se delineando e alinhavado a outros moldes.

A equipe de arte a qual eu passei a fazer parte, era composta pela Elmarina Samways e Rosangela Andrade Boss[11], duas grandes professoras e artistas que eu considero mentoras da professora que hoje habito.

Assim como no poema Diego e o mar de Eduardo Galeano, o filho pede ao pai que o ajudasse a ver o mar. Elmarina Samways e Rosangela Andrade, me ensinaram a ver, ouvir e sentir o mundo com os olhos da alma e da arte, e juntas tecemos laços profissionais e de amizades. Formamos uma equipe potente, com o intuito de assegurar o ensino da arte como área do conhecimento na Educação Básica de Curitiba. Nessa equipe, iniciei uma carreira voltada para a formação de professoras e professores que atuam no Ensino Fundamental na área das artes.

---

[11] Elmarina Samways Professora e Coordenadora do Departamento de Artes do Colégio Internacional J H Newman em Madri, Espanha. Doutoranda em Didáctica de la Expresión Plástica y visual na Universidade Complutense de Madrid, Espanha. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Licenciada em Educação Artística pela Faculdade de Artes do Paraná.

Rosangela Andrade Boss é paranaense, formada em Educação Artística pela Universidade Federal do Paraná e formada pela Universidade de Artes e Design de Zurique ZHdK. Reside na Suíça desde 1994 onde atua como professora de artes. É artista visual, ganhadora de vários prêmios como: Curadoria do Cantão de Aargau pelo conjunto de suas obras e em 2012; o Prêmio de 6 meses para o Ateliê “Cidade Internacional das Artes em Paris “, entre outros. Participa ativamente de diversas exposições, faz parte da associação de artistas suíços VISARTE.

Para o meu primeiro dia de trabalho na Secretaria, escolhi cuidadosamente uma roupa que mantivesse uma aparência condizente com quem vai a uma entrevista de emprego, pois imaginava que para trabalhar lá eu teria que me vestir de forma discreta e elegante. Mas essa preocupação com o figurino adequado durou só alguns dias, logo percebi que poderia manter a minha identidade sem modificar o guarda-roupa.

A convivência com as colegas de trabalho, artistas e professoras, me ajudaram a transitar pelo mundo das artes e da cultura, foi quando me vi pronta numa terceira estação prestes a dar mais um passo na vida acadêmica.

Com os olhos bem abertos para que nada me escapasse, andei em trilhos desconhecidos, e me deparei novamente com o teatro.

Movida pelo desejo de estar em cena e me apropriar de mais uma linguagem artística, em 1992 ingressei na primeira turma do curso de Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas, da Faculdade de Artes do Paraná.

Tudo acontecia ao mesmo tempo; era como se eu tivesse ingressado em outro mundo. No trabalho, os estudantes não eram mais as crianças e sim outras professoras que eu tinha que orientar sobre a proposta pedagógica de arte e as especificidades das linguagens artísticas.

Na vida acadêmica, eu iniciava uma nova graduação. As experiências do corpo em cena; as leituras e discussões sobre as diferentes teorias do teatro; a história do teatro e as diferentes produções cênicas que se apresentavam naquele momento, eram fascinantes. Foram quatro anos de muitos aprendizados.

A aluna da graduação em Artes Cênicas, decidida a aproveitar todas as oportunidades para ampliar seu olhar acerca das artes, movimentou a mulher e professoras a defender ainda mais a arte no currículo escolar.

Empoderada e dona de si, teci laços com outras pessoas, alinhavei amizades, rasguei as certezas e trilhei entre o sonho e a realidade ressignificando meu modo de existir, mulher e profissional do magistério.

Eu não habitava mais o corpo Cinderela nem Merida. As experiências cênicas e profissionais, me ajudaram a compreender que eu já existia em mim e que as minhas escolhas perpassavam sim pelos ensinamentos da minha mãe, avós e tias, embora eu não precisasse mais sofrer com isso, eu já havia me desprendido. Era hora de me despedir e seguir as minhas intuições e desejos.

FIGURA 33 - A TECELÃ

Fonte: A autora (2016)

Empoderada pelas experiências vividas como aluna e profissional do magistério, incorporei uma concepção de ensino histórica e crítica, que instigava a reflexão, a criação e a produção artísticas. Propus vários cursos de formação continuada na área do teatro, da dança e das artes visuais, dentre eles, destaco como marco de mudanças significativas para o ensino da arte na RME, o curso "*Ensino da Arte Uma Questão de Compromisso"*. Este, foi a primeira proposição de um Programa de Educação à Distância, promovido pela SME, o qual tinha por objetivo a implementação do Currículo Básico (CURITIBA, 1995).

Produzido em cinco módulos, organizados em cadernos impressos, os quais os participantes recebiam via malote, e tinham o prazo de um mês para enviar a equipe de arte, as tarefas propostas, as quais eram cuidadosamente lidas, comentadas e devolvidas com o caderno seguinte, o curso além subsidiar as professoras que atuavam com arte nas escolas, possibilitava a cada participante a ampliação de repertórios.

Assim, no papel da professora, teci uma carreira voltada para o público atuante no magistério, especialmente com as artes. Embora eu tenha dedicado boa parte da carreira profissional à formação continuada dos profissionais da educação, foi com os estudantes do Ensino Médio e Fundamental II do Colégio Primeiro Mundo, onde atuei por três anos, colocando em prática a teoria proposta para o ensino da Arte

na RME de Curitiba, a qual eu havia escrito nos cadernos do curso *Ensino da Arte Uma Questão de Compromisso.*

A experiência construída durante este período, foi de extrema relevância para que eu pudesse repensar e reelaborar cada proposta de trabalho.

2.4 CORPOS EM COSTURA

> Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo...
>
> **Marina Colasanti**

Na perspectiva da compreensão do corpo tecido por inúmeros fios, ajustado e expandido a cada ponto, descarto qualquer ideia relacionada à predestinação feminina e sim defendo que são nas relações estabelecidas que o corpo é tecido.

No ano de 2008 com a professora Dra. Guaraci da silva Lopes Martins e o professor Dr. Fernando Passos, estudiosos das artes da cena e a diversidade de gênero em espaços da educação, tive o primeiro contato com os estudos de gênero e o teatro como possibilidade de compreensão do corpo.

Assim, na perspectiva dos estudos de gênero e do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, participei de várias oficinas, nas quais os integrantes eram provocados a trazer para o corpo seus entendimentos sobre gênero e diversidade sexual.

Eu, trazia certezas e crenças que me sustentavam num estado letárgico diante da vida. No entanto, a partir das ações cênicas, reflexões, debates e contato com memórias de outras mulheres, cujos corpos se costuram nas brechas da cultura, pude rasgar os pontos que apertavam meu corpo e me impediam de compreender que o ser mulher não é predestinação.

Os estudos feministas foram decisivos para a minha primeira mudança de foco. Descosturar as pregas apodrecidas, e refazer a costura da pele na tentativa de limpar os poros impregnados por um sistema colonial e excludente que julga, afeta e danifica a construção identitária da mulher, me fez refletir sobre a constituição e significância do meu corpo dado pelas linhas do feminino. Não foi fácil! despregar da

pele os alfinetes. Percebi que as relações humanas se estabelecem também pela crueldade, por aqueles lobos que vestem peles de cordeiro.

Me desfiz das lentes que até então não me permitiam ver o mundo.

Meu corpo gritava, eu precisava fazer alguma coisa, passei a observar as pessoas ao meu redor, suas histórias, seus desejos, angústias e medos. E, num gesto impulsivo, o texto “Preso por um Broche” foi costurado a partir dos sonhos de uma mulher e professora de ciências. Os estudos de gênero aliados ao teatro me instigaram a produzir o texto “*Preso por um broche”,* o qual nunca saiu do papel.

Afetada pelas experiências cênicas, a nostalgia se abateu sobre mim. No meu corpo suporte memórias; palavras, frases e imagens vieram à tona.

- Tenha modos menina, senão você vai se rasgar!
- Eu não falei para não subir no muro!
- Vai sair com essa saia mostrando a bunda?
- Só quer andar de calça... parece um menino.
- Não quer pentear? Corta bem curtinho.

Conforme os estudos de gênero e teatro avançavam, fui percebendo que o meu corpo era tatuado por memórias, as quais pouco a pouco foram se apresentando e se entrelaçando umas com as outras, para que pudessem ser ressignificadas em mim, por meio da arte.

As memórias que surgiram naquele contexto remetiam à minha infância, não sei ao certo que idade eu tinha, por isso trago aqui os cinco anos.

Na pele de anjo eu me preparava para viver uma nova idade. Para isso, uma festa foi cuidadosamente planejada. A sala da casa, quase não era usada, mas em dia de evento ou de visitas, minha mãe fazia questão de arrumar a mesa com uma toalha branca engomada.

FIGURA 34 - ANIVERSÁRIO DE 5 ANOS

Fonte: Acervo familiar (1969).

Nos dias que antecederam a festa de aniversário, na lista dos preparativos, um fotógrafo foi à minha casa, para me fotografar. De vestido vermelho com detalhes em renda, fui colocada numa cadeira alta e orientada para realizar algumas poses. O fotógrafo me observava atento e proferiu alguns cliques. Dias depois, retornou com a fotografia impressa e colorida por ele mesmo. Naquela época eu não usava brincos, pois não tinha as orelhas furadas, mas o fotógrafo resolveu a situação com um pontinho de tinta em cada orelha. Eu fiquei encantada com a minha imagem impressa.

FIGURA 35 - CINCO ANOS DE EXPERIÊNCIA.

Fonte: Acervo familiar (1969).

2.4.1 Triste, louca ou má?

Julgada pelo olhar conservador e condenada à loucura, a Teresa “louca” – como a chamavam - era uma mulher de uns trinta e poucos anos, de pele negra, cabelos curtos, corpo magro que andava pelas ruas imersa no seu próprio mundo, não falava com ninguém, embora algumas vezes, víamos ela falando alto como se estivesse brigando, mas as falas que emitia, aparentemente não dirigia a ninguém, a não ser quando algumas pessoas se achavam no direito de perturbar a sua paz, fazendo zombarias com ela.

Seu corpo, era rígido com uma expressão de sofrimento e dor, talvez trouxesse impresso na pele uma herança que era invisibilizada no Brasil dos anos de 1970, onde os ideais colonialistas se faziam presentes na política e na sociedade, mantendo a branquitude como padrão humano, restando à população afrodescendente a exclusão social e a invisibilidade.

O medo me impedia de me aproximar da Teresa “louca”, meu corpo tremia cada vez que a encontrava na rua. Mesmo que estivesse apavorada com a presença dela, a mistura da curiosidade e do medo geravam em mim uma profunda admiração. Hoje me asseguro que a presença dela nas paredes por onde deslizam minhas memórias não se trata de acaso e sim de identificação. Em muitos momentos revivi no meu corpo andarilho, a Teresa “louca”.

As memórias da mulher solta de si na cidade gaúcha, são oportunas para que

eu possa reverenciar e ressignificar primeiramente o seu nome, dispenso aqui o adjetivo e registro na memória seu nome – TERESA.

Teresa era uma mulher, preta e pobre que de acordo com os ecos que soavam aos ouvidos da população, ela sofreu uma grave depressão pós parto, e nunca recebeu tratamento adequado; os motivos, acredito eu que sejam óbvios, considerando o perfil racista que marca boa parte da população gaúcha. Mas, a Teresa, não se abateu, encontrou um jeito de sonhar e viver na singularidade do mundo, onde a loucura, a maldade e a tristeza agem no corpo como bombas, prontas a explodirem.

Nem triste, nem louca, nem má, Teresa foi apenas uma mulher que sonhou o que foi e alçou voo para a desconstrução e criação de novos e múltiplos pensamentos, assim como a música: ***Triste, louca ou má***

Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal

A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina

Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar

Um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define (você é seu próprio lar)

Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só

Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar

E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar...

Francisco, el Hombre

2.4.2 Entre fios

Com o intuito de entrelaçar corpo e memórias pessoais e afetivas, costuro a arte aos estudos da cena, me entrelaçando a outras mulheres e professoras que atuam nas escolas municipais de Curitiba.

A perspectiva de memória que trago nesta cena dissertativa, se embasa em conceitos utilizados para o teatro e a dança.

Koudela e Almeida (2015), discorrem sobre o uso da memória no contexto do teatro pontuando que a memória pode se destacar na preparação e construção de personagens, criação de dramaturgias, bem como no sistema de preparação do ator como a memória emotiva, elaborado por Stanislávski. (KOUDELA e ALMEIDA, 2015, p.124). No contexto da dança-teatro, a memória é um elemento que surge no processo de criação e se ressignifica no corpo. Foi muito utilizada por Pina Bausch (1940-2009), no seu processo de construção coreográfica (FERNANDES, 2007). Para Araújo (2015),

> A coreógrafa dava lugar às memórias e às emoções de seus atores-bailarinos e a partir delas desenvolvia suas criações, por meio de questões simples que iam delineando suas temáticas, tais como: gênero e sexualidade, alteridade, criação e representação de identidades, entre outras... (ARAÚJO, 2015, p.451).

Bausch convidava seus atores dançarinos para a experiência cênica, provocando-os ao acesso das memórias pessoais e coletivas. Segundo Araújo (2015),

> o corpo é carregado de memórias e afetos e seus atores bailarinos são convocados a se apresentarem como seres humanos, capazes de desconstruir corpos muito bem formados para contarem uma história ou recriarem experiências através do corpo como instrumento de discurso. (ARAÚJO, 2015, p.449-50).

Assim como os atores/dançarinos de Bausch se entregavam ao convite da coreógrafa, eu mergulho no passado impresso em mim e redesenho no corpo o presente/futuro.

Retomo a criança que brincava no atelier de costuras e ouço o som da agulha perfurando o tecido, misturado ao ruído do motor da máquina de costura que se confundia com a polifonia das mulheres escolhendo tecidos e modelos que melhor "caíssem" a pele. Elas se viam nas modelos das revistas e alimentavam o desejo de habitar outros corpos.

Entre um cigarro e outro, elas comentavam sobre o comportamento de algumas mulheres moradoras da cidade. Os comentários proferidos tinham um tom de julgamento. Elas criticavam as mulheres que descoloriam os cabelos e pintavam de louro; aquelas que não tinham namorados, mas beijavam na boca; aquelas que eram casadas, mas se refugiavam nos braços de outro homem, o comprimento da saia ou o decote da blusa, eram assuntos para muitas tardes.

Essas conversas despertavam o meu imaginário. Eu percebia no tom da voz durante os comentários que havia uma pontinha de desejo em romper os pontos apertados que costuravam seus corpos.

2.4.3 Corpo em si: objeto da pesquisa

Sem começo ou fim, mas no entremeio da costura que cose o meu corpo, observo com olhar atento, interajo com a menina e a mulher, que ora é professora, mãe, filha, esposa, atriz, dona de um corpo que suporta, revela e se ressignifica.

O corpo que comunica; se cala e berra crenças, verdades, ideias e ideais. Ele, que afeta e é afetado, se expande, escapa e desliza pelo desejo de ocupar os tempos e espaços, alça voo, sem ao menos tirar os pés do chão. E, ela é movida pelo desejo de sentir-se noutra pele e se lança no jogo cênico convidando o corpo a experimentar um novo estado de existência.

Assim, corroborando com Bausch, meu corpo que é tecido nas brechas e sobreposições de retalhos costurados com múltiplos fios, performo diante da vida,

deslizo, me acomodo para novamente deslizar e acomodar infinitas vezes, revelando e anunciando a mim mesmo.

Me sinto um pouco a Ttéia[12] impulsionando e sendo impulsionada a expandir as linhas que se tramam as outras linhas lançadas por diversas mulheres, artistas, professoras, mães e amigas as quais me relaciono.

Imerso na obra, meu corpo é impactado, pulsa enquanto os olhos percorrem rapidamente o espaço na tentativa de compreender o que estava acontecendo. Mas sem explicar para si mesmo, ele se desloca no espaço, observa e sente, se faz presente, torna-se parte. É absorvido e absorve Ttéia (PAPE, 2002).

FIGURA 36 - TTÉIA - LYGIA PAPE

Fonte: PAPE (2002).

Chuleada[13] pelas memórias pessoais, esta pesquisa traz à cena da academia, o corpo da mulher e da professora, tecido nas relações sociais e ressignificado numa autoficção que perpassa o teatro e as artes visuais. Para tanto, três questões permeiam o processo de escrita: a construção identitária do corpo mulher, o motivo

[12] Ttéia, é uma instalação produzida pela artista Lygia Pappe a partir da observação das teias tecidas na natureza pelas aranhas, que podem ser vistas conforme a incidência da luz, que possibilitam-nas aparecer e desaparecer aos olhos humanos. A obra é tecida por fios dourados tencionados em linhas retas como colunas que só podem ser visíveis conforme o espectador se desloca no espaço. Esta obra está no Instituto Inhotim - MG, é maior museu a céu aberto do mundo.

[13] Chuleado é um ponto de costura que serve para arrematar ou bordar o tecido. Pode ser feito a mão ou na máquina de costura.

que me levou a optar pelo magistério como profissão e o significado do nome próprio que me foi atribuído.

Agenciada por diferentes produções artísticas, produzidas por artistas e professoras pelas minhas experiências com a arte e a educação, pelas relações estabelecidas nos dois últimos anos, memórias foram acionadas como um convite à escrita. Assim, teço minhas memórias e as ressignifico simbolicamente por meio da costura e do bordado no corpo de bonecas de pano.

2.5 METAMORFOSE

> Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear. Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido.
>
> **Marina Colasanti**

2.5.1 Fios que tecem, corpos que escapam

Submetido às lentes da censura, da proibição, da impureza, do perigo, do sagrado, do perverso, do fetiche, do avesso e do desmedido, o corpo da mulher, em vias de desaparecer de si, ainda é resistência, objeto de estudo, denúncia e afirmação. Diante destes múltiplos olhares que a impedem de situar-se na própria existência, de acordo com o antropólogo Le Breton [14](2018), para muitas pessoas perpassa no corpo o desejo de desaparecer, se distanciar do existir ou tirar férias de si mesmo. A esse desejo o autor define como uma tentação, que veste o corpo da pessoa na

[14] David Le Breton é antropólogo, professor de sociologia na Universidade de Strasbourg II e é referência na área da sociologia e antropologia do corpo e da corporeidade, com várias obras publicadas na França e no Brasil.

contemporaneidade. Nesse sentido, corroborando com o autor, as mulheres consumidas pela censura, se movem para se reinventar e sobreviver em meio ao caos da própria existência.

- Eu faço o papel da mulher! Não importa se sou casada ou mãe.

O corpo humano sempre foi alvo de observação e análise; desde a antiguidade até os dias atuais cria-se conceitos para melhor defini-lo. Nessa necessidade de conceitualização, corre-se o risco de fixarmos o corpo numa história única e desconsiderar sua potencialidade de afetar e afetar-se. Para Oliveira, Gomes e Pereira (2021), as multiplicidades que atravessam o corpo são responsáveis por sua constituição. Assim, as relações de poder/saber e raça, que afetam de inúmeras maneiras de um corpo, “criam possibilidades ou impossibilidades de existências.” (OLIVEIRA; GOMES; PEREIRA, 2021, p.3).

Dessa forma, costurado pelo movimento contínuo das agulhas que perfuram, atravessam, fiam e bordam o corpo, a mulher traz à pele a estampa da existência.

Movida pela coragem, minha mãe, mulher valente, se deixava levar pelos pensamentos e alinhavava à costura o desejo de se tornar mais que os padrões da tradição exigiam de uma mulher. Ela se refez a cada desafio que a vida lhe impôs. Sonhava estudar, e assim o fez. Matriculada num curso à distância conquistou o diploma de costureira.

No corpo ela vestiu diferentes modelos. Mas teceu com inúmeros fios, ajustou os moldes, se fez mulher, mãe, esposa, costureira de si e de tantas outras que sonhavam existir.

Diariamente, logo após o almoço, ela reunia-se numa roda de mate, adoçada com balas de café, com um grupo de mulheres que também teciam seus corpos. Entre um mate e outro, a costura se delineava. A cada laçada um ponto bordado. As provocações surgiam entre as conversas; ela calada tecia e refletia sobre as questões apresentadas pelo grupo, enquanto sentia o corpo seduzido pela ideia de romper de si num ato único de amor. Ela queria compreender seus desejos na tentativa de se reinventar no mundo.

2.5.2 Costuras em andamento

A conexão com seus antepassados era visível. Reproduzia os ensinamentos da sua avó Emerentina, e da sua mãe Liduína. As memórias, inscritas no seu corpo como identidade de mulher, estavam escondidas na pele e afloraram na hora certa impondo-se como um rasgo no tecido, evidenciando uma trama de fios apodrecida pela herança da obediência, da moral e dos bons costumes.

- Eu nunca imaginei que um dia seria capaz de tal exposição... Sempre achei que meu talento não ia além da árvore ou da pedra. Na escola, estes papéis eram sempre para mim.

Num elo de vida, cinco gerações costuram seus corpos. Os fios que utilizo para desembainhar a costura do corpo das mulheres, as quais tenho um laço de parentesco, partem da minha bisavó Emerentina Borges Vieira (1868 – 1978) e desfiam-se pelas minhas avós, mãe e filha.

Emerentina, não se curvou diante dos entraves que a vida lhe impôs; viúva e mãe de muitos filhos, ela teve a capacidade de educar sozinha seus filhos, bem como de administrar a fazenda e todo o patrimônio da família. Ela, como matriarca, se dedicava também ao estudo da homeopatia, unindo sabedoria e o conhecimento cuidava da saúde de todos que estavam à sua volta.

FIGURA 37 - EMERENTINA BORGES

Fonte: Acervo familiar

Liduína Borges Velho (30/06/1901 – 22/02/1987), filha de Emerentina, foi uma mulher educada para casar, estudou em colégio interno e casou-se ainda jovem. Foi mãe de sete filhos e também ficou viúva muito cedo. Ao contrário da minha bisavó, ela se deixou levar pela astúcia do filho mais velho que acabou não administrando com competência o patrimônio da família.

Amália Gil de Oliveira (18/08/1909 – 22/11/1995), mãe de quatro filhos, todos homens, sendo um deles o meu pai, foi uma mulher aparentemente frágil e dependente do marido. No entanto, quando ficou viúva, surpreendeu. Se mostrou uma mulher decidida e forte. Doceira de mão cheia, enfrentou seus medos e conduziu a vida com muita autonomia. Esta avó, foi e é referência para mim.

FIGURA 38- LIDUÍNA BORGES VELHO

Fonte: Acervo familiar

FIGURA 39 - AMÁLIA GIL DE OLIVEIRA

Fonte: Acervo familiar

Maria de Lourdes Velho Oliveira (12/12/1930–18/04/2019), minha mãe, filha mais velha de Liduína, seguiu os passos da sua avó Emerentina para ser uma mulher guerreira que nunca deixou de lado os sonhos. Seu maior desejo quando jovem era se casar e viver numa cidade e não mais no campo. E assim foi.

FIGURA 40 - MARIA DE LOURDES VELHO OLIVEIRA

Fonte: Acervo familiar

As vozes trazidas pelo vento ecoavam supostas verdades que se costuravam aos corpos da mãe, avó, filha e neta, rasgando as camadas da pele, e fixando a crença do casamento como instituição sólida e indestrutível, tomando como base o pensamento Católico Apostólico Romano que prega que o que Deus uniu, o homem jamais separa.

Certa de que o casamento era a melhor escolha para sua vida, para minha mãe representava muito mais que uma relação estável. Ela realizou o sonho de morar numa cidade, de investir numa profissão, tecer seu próprio trabalho e ser autônoma em suas decisões, não dependendo do meu pai para realizar seus desejos.

FIGURA 41 – CASAMENTO

Fonte: Acervo Familiar (1955)

A minha mãe, imersa, ainda que momentaneamente, pelo pensamento colonial, e pelas forças opressoras cristãs, acabava se percebendo uma mulher de identidade frágil, sustentada pela repetição dos valores e crenças ensinados por suas antepassadas, embora no dia a dia, desempenhasse o papel da mulher independente e visionária do seu tempo.

No zig-zag da máquina de costura e no estalar do braseiro que aquecia o ambiente, ela, a mãe, num entrelaço de vida, tecia a criança/menina/mulher, e num sopro, trazia o fim e o começo de um novo corpo inscrito e marcado pelo estereótipo do azul e rosa.

O desejo ou talvez a "obrigação" de parir um homem, permearam os nove meses que antecederam o meu nascimento. Com o coração acelerado, mal cabia dentro de si, ela estava certa que desta vez não falharia, e num gesto de fé, agradeceu a Deus escolhendo para a criança que habitava seu ventre, o nome do Profeta Paulo.

Mas, o que seria falhar numa gestação? As mulheres falham ao gestar uma criança?

Entre fios e laçadas, a costura se expandia, surgindo novas e infinitas tramas na tecitura do corpo/casa que abrigava o filho. Mãe de duas meninas, ela se cobre da verdade e da crença de que um menino estava por chegar.

Abotoado ao corpo casa, o pequeno botão mobilizou por nove meses o corpo da mãe a se expandir sem mais ou menos tempo.

Regida pelo poder de Cronos,[15] a mãe experimenta, alinhava, brinca, pula de ponto em ponto, sonha, deseja, desliza de si para o outro, esbanja vida, costura e descostura o corpo na expectativa de ter gerado um menino.

Sentindo-se cansada pelo excesso de peso, ela organiza o enxoval azul que havia costurado durante os nove meses. E, na noite do dia 26 de fevereiro de 1964, os primeiros sinais que marcaram o final da gestação se intensificaram até a madrugada do dia 27, quando no hospital e maternidade de Canela, o médico no papel de arauto, anuncia a boa-nova. **É menina!**

[15] De acordo com a mitologia grega, Cronos é considerado o deus do tempo, o qual com medo de perder seu trono, devorava os próprios filhos. Mas um deles, Zeus, protegido pela mãe Réia, escapou as garras, do pai.

Em meio a dor que segue todo o trabalho de parto, e a satisfação do corpo diante do dever cumprido, Cronos foi implacável. Devorou o menino Paulo, gestado por nove meses e deixou que a menina ocupasse o seu lugar devido.

Atravessada por uma sensação estranha e convencida de que vida é morte, ela a mãe, opta pela resistência, entendendo que “como do verbo se fez carne, na tentativa de vida” (MOSSI, 2015, p. 1547), o corpo do gênero masculino, faz-se morte diante do corpo mulher que berrou seu espaço no mundo.

Assim, eu cheguei para ocupar o lugar da terceira filha dos meus pais e conhecer as minhas duas irmãs, Aneliése e Mariliese.

Filha de Maria de Lourdes Velho Oliveira e Felisberto Gil de Oliveira, a menina é acolhida no seio da mãe refeita diante dos desafios que a vida lhe impôs. Ela abraçou, ninou, cantou “Nana Nenê” e “Boi da cara preta”.

Envolta de coragem ela profetizou...

FILHA MINHA NÃO VAI DEPENDER DE MARIDO!!!!

E renomeou...

JOSILENE!!!

FIGURA 42-JOSILENE DE OLIVEIRA FONSECA

Fonte: Acervo pessoal.

2.5.3 Que nome é esse?

Josilene *- "aquela que acrescenta". Nome próprio que provavelmente seja de origem hebraica advindo do nome Yosef, que significa acréscimo do senhor. (JOSILENE, 2023).*

- Vai se chamar Josilene.
- *E só Oliveira mesmo. Não gosto de nome comprido.*

Gil de Oliveira é do meu pai e o Velho da minha mãe. Ainda que na hora do registro somente o Oliveira tenha sido contemplado, sempre me considerei uma descendente da família Gil e Velho. O Gil é afetivo e o Velho me parece tão jovem que cabe perfeitamente em mim. Mas, à mãe talvez não compreendesse que o sobrenome das minhas avós já estava inscrito em mim, mesmo que ela negasse.

O sobrenome Velho, está inscrito há sete gerações na pele de seus descendentes. De origem portuguesa, a família *Velho* proliferou no Brasil a partir de três irmãos que deixaram sua terra natal em busca de uma vida melhor.

Sempre envolta de mistérios, essa família se instalou na região dos Aparados da serra gaúcha, mais precisamente em São José dos Ausentes no Rio Grande do Sul e na região de Laguna, Santa Catarina.

Da família Gil e Oliveira, cuja descendência também portuguesa, pouco se sabe sobre sua chegada ao Brasil.

Sobre a família Velho em Portugal, habitava a região do Porto, onde o Museu Nacional dos Coches, em Lisboa, encontra-se uma Liteira contendo o brasão da família.

Mal sabia eu que este nome já marcava uma identidade no meu corpo. Mas as marcas não param por aí.

Meu pai, responsável pelo registro no cartório, garantiu a minha primeira impressão, eu fui marcada pelo número que está impresso no livro de registros, o qual guarda o nome, a data e a hora do meu nascimento, seguido dos nomes da mãe e do pai.

Mas, na hora de registrar, no livro o dia do meu nascimento, alguém estava um pouco adiantado ou atrasado, não sei se foi meu pai ou o escrivão, que errou ao registrar data, pois no registro consta que eu nasci antes de nascer. Fui registrada no

dia 26 de fevereiro de 1964. Embora minha mãe afirme que o parto ocorreu às quatro horas da manhã do dia 27 de fevereiro de 1964.

A distorção de datas com relação ao meu registro de nascimento, foi impressa em mim como uma tatuagem a qual causa algumas confusões entre amigos e familiares.

Para efeitos legais, meu registro consta do dia 26 de fevereiro de 1964, mas o meu aniversário é comemorado um dia depois.

A rede tecida pelas mulheres da família Gil e Velho, segue costurando e sendo costurada por novos olhares. Sofia Fonseca, nascida no ano de 2005, é a única menina entre os dois irmãos. Cheia de vida e sonhos, tece seu corpo a partir de padrões contemporâneos ao mesmo tempo que se sustenta em alguns ensinamentos proferidos por todas as mulheres desta rede.

FIGURA 43 - SOFIA FONSECA

Fonte: Acervo familiar.

2.5.4 Lendas que habitam o imaginário

Lendas ou fatos, não se sabe, mas as histórias em torno dos três irmãos portugueses que vieram para o Brasil, povoam o imaginário dos descendentes. Histórias sobre as botijas de ouro enterradas em terras que pertencem a família, ainda hoje são contadas. Estão escondidas, porém vivas na minha memória e de outros membros da família.

Durante as férias eu sempre passava alguns dias na fazenda do Tio Nizoca, era o seu apelido, o nome verdadeiro era Dionísio Joaquim Velho. O Joaquim era uma tradição, quase todos os homens da família tinham esse nome com um arranjo diferente. Ele era meu tio avô que ocupava a casa da quarta geração da família Velho no Brasil.

Nas noites em que passávamos em sua companhia, nos reuníamos em volta do fogo de chão para ouvir as histórias que ele contava. As minhas preferidas eram aquelas que envolviam os antepassados. Segundo ele, e todos da família, os três irmãos portugueses quando aqui chegaram, tinham por costume enterrar nas propriedades as fortunas em ouro que herdaram ou obtiveram em seus negócios.

O Tio Nizoca dizia, que para enterrar a fortuna, uma vala era cavada por negros escravizados, os quais eram mortos e enterrados junto a botija de ouro a fim de cuidarem do patrimônio para que nenhuma pessoa pudesse retirar sem que houvesse autorização do dono.

Mas, embora nunca tenha encontrado uma botija, o tio Nizoca, alegava ter encontrado no campo algumas moedas de ouro, talvez caídas quando foram retiradas do chão. Por este motivo sua fazenda foi e ainda hoje é rastreada por especialistas e equipamentos avançados, em busca de ouro enterrado.

“Se é verdade? Não sei. Só sei que sei!” (SUASSUNA,1996, p. 64).

Num sonho recorrente, meu tio Mário levou uma vida atormentada por tais histórias. Muitas vezes meu tio teve o sono interrompido por sonhos que o perturbavam. Em sonho, ele falava com um padre, o qual dizia que uma botija de ouro lhe era destinada. Ela se encontrava nas terras da família Velho e que somente ele poderia tirar. Esse padre detalhou o local e como o meu tio deveria proceder.

Quando sonhava com o padre, naquele dia ficava transtornado de medo, pavor só de pensar.

Mas, certa noite, se vestiu de coragem e lá se foi o gaúcho velho. Montado em seu cavalo, levou consigo uma picareta, uma pá, uma lanterna, um saco para colocar o ouro e outro para a ossada do escravizado que foi enterrado – era uma das condições apresentadas pelo padre, que ele deveria fazer um enterro digno ao pobre que ficou tanto tempo cuidando da fortuna.

Quando chegou no local indicado, antes mesmo de descer do cavalo foi cercado por estranhas figuras incandescentes que corriam loucamente a sua volta. O cavalo em desespero saiu em disparada contra uma cerca de arame farpado ficando gravemente ferido. O meu tio deve estar correndo até hoje, no plano que já se encontra e a fortuna ainda está lá à espera de outro predestinado.

2.5.5 Bordados no corpo

O frio não caia mais sobre o corpo. Os dias mais longos alargavam o tempo livre longe dos ambientes fechados. Eu podia ficar mais tempo no alto das árvores, lugar preferido para experimentar e sentir os limites do corpo. Me sentia descosturada, livre, reinventava o mundo, deslizava para fora mim como um pássaro voando entre as nuvens.

Lá bem perto do céu, eu organizava o passado para viver intensamente o futuro que deslizava freneticamente entre meu corpo e o tronco da árvore. Os galhos me abraçavam e juntos dançávamos com o vento forte que soprava, embalando-nos entre os fios de algodão, de seda, viscose ou nylon que teciam cada pedacinho de mim.

Emaranhada aos fios de lã, de bordar, de crochê, de costura e tantos outros, me deparo com as mulheres da família Gil e Velho, embaraçadas na mesma trama. Me distancio, observo, a textura, a forma que se entrelaçaram e as marcas que cada fio imprimiu em seus corpos, na tentativa de compreender quais desses ainda sustentam a minha pele.

Com o corpo ainda enredado, eu revisito as matrizes, analiso os moldes, desfaço os nós e laçadas, refaço as costuras, os alinhavos, ensaio alguns bordados.

Teço novas relações e descortino algumas crenças, guardo outras, desenho, reelaboro e ressignifico, as impressões percebidas no corpo.

Christine Greiner e Helena Katz (2005), professoras e estudiosas da arte e do corpo, ressaltam que inerente à própria história, o corpo é interpretado sob diferentes olhares. Assim, as noções de corpo variam de acordo com as lentes que é observado e as matrizes da cultura que imprimem sobre ele suas marcas.

Para as autoras, o corpo na perspectiva do pensamento oriental, é adjetivado e caracterizado pela postura, atitude e gestos, bem como percebido nas redes de relações que tece, e na conexão corpo e mente, passível de alteração a partir do corpo treinado. Enquanto no ocidente, o entendimento de corpo perpassa diferentes olhares da filosofia e da arte (GREINER; KATZ, 2005).

- Sinto medo de pensar... Meu corpo incorporou a mulher. Parecia que ele era outro, mas eu sabia que era meu, o meu corpo mesmo. Não pensava, mas sabia que estava ali.

O dia ainda nem tinha acordado e eu já sabia que não poderia brincar lá fora. Além do frio, dava para ouvir as gotas de chuva batendo nas pedras que ficavam logo abaixo da minha janela. Isso me fazia ter vontade de me transformar numa gata e passar o resto do dia dormindo. Mas isso nunca foi possível na minha casa. A não ser se uma de nós, filhas, estivéssemos doentes, aí era uma maravilha! Mas, meu caso não era doença, eu tinha que me levantar e achar o que fazer.

A brincadeira preferida para os dias de chuva acontecia de janela para janela, entre mim e meu vizinho. As bonecas de papel eram as personagens centrais dos nossos mundos inventados.

Descosturada, rasgada e desfiada, tento pegar um fio e compreender as tramas que tecem o corpo da mulher. Mossi (2015), diz que produzimos o nosso corpo infinitamente mediante as afecções apresentadas nos trilhos que percorremos, enquanto esse mesmo corpo reverbera ao mundo as consequências dos encontros calhados nos percursos percorridos. (MOSSI, 2015, p. 1544). Corroborando com o autor, os mundos inventados para os corpos das bonecas de papel, reverberam hoje no meu corpo mulher e professora. Nesse sentido, o encontro com as bonecas de papel, de certa forma se conectam com as relações que estabelecia e estabeleço com o universo feminino. O conceito do corpomídia apresentado Greiner e Katz (2005), refere-se ao corpo como passível de ressignificações quando integrado ao meio cultural e ambiente.

A tecitura do corpo é um processo contínuo e simbiótico produzido por afecções que fluem das relações e se estabelecem como tatuagens em cada dobra do corpo. Assim, num fluxo intenso e constante, o corpo se faz e se refaz, sem a pretensão de aproximar-se de uma forma única e definitiva.

- Não vai sair com esta saia mostrando a bunda!

Era difícil aceitar as imposições sobre as roupas que eu deveria usar. Se as clientes da minha mãe tinham total liberdade para escolherem os modelos e o comprimento de suas roupas, eu também queria a mesma autonomia sobre as minhas escolhas. Muitas vezes eu gritei, chorei e fiz birra porque não queria usar os modelos escolhidos e confeccionados por ela.

Preocupada em fortalecer uma identidade feminina para as filhas, a mãe, seguia um padrão conservador, escolhia os modelos, desenhava os moldes e criava um design para as peças que confeccionava.

2.6 BAINHAS POR FAZER

> Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.
>
> **Marina Colasanti**

Impregnado pela memória da mãe e da menina, os entremeios da costura que tece o meu corpo, são detalhadamente analisados pelos olhos de dentro. Sim, olhos que enxergam os desejos, os medos, as alegrias e as frustrações aparentemente guardadas, mas escancaradas no corpo todas as vezes que me coloco em processo de criação.

Com a bobina da máquina de costura abastecida, os tecidos estendidos sobre a mesa, a tesoura, as agulhas e os botões; afoita, dou início à costura da Mestranda em Educação na UFPR.

A arte, como a agulha que tece e rasga as tramas do tecido, conecto mundo interno e externo, e na linha de pesquisa LiCorEs, costuro minha dissertação, entre a realidade e a ficção.

Entrelaçada às mulheres da família, as clientes da mãe, as professoras e as amigas, trago à cena memórias da infância, da juventude e do presente. Afrouxo os pontos que apertam as costuras tecidas na pele; ajusto outras. E, num só corpo que nasce e morre antes mesmo que o sol se ponha, me visto de mim e teço uma autoficção como escrita dissertativa.

Mobilizada a pesquisar sobre mim, me deixo costurar pelas várias linhas e agulhas que tocam o meu corpo. Embora algumas costuras mais profundas e invisíveis possam tensionar a pele no seu limite, cicatrizes emergiram à superfície. Porém, na mesma intensidade que os pontos se rompem em cicatrizes, a pele ainda sensível, é bordada por pontos de vida, e sobrepostos pelos alinhavos tecidos durante

os módulos dos estudos do corpo na educação, do corpo como linguagem, das teorias não representacionais, dos estudos de gênero e sexualidade, da filosofia da diferença, conversas e reflexões que me afetaram. Fatores estes, aliados ao redirecionamento da pesquisa, dado a partir da orientação do professor Jean, contribuíram para que esta escrita chegasse até aqui.

Um estranho desejo de costurar tomou conta do meu corpo, difícil de explicar, pois mal sei pregar um botão. Mas um movimento interno fez desfiar alguns pontos da roupa que visto hoje, ou vestia dois anos atrás, (não sei) abrindo algumas frestas na trama que tece a pele. Essas frestas, são buracos que se abriram para que eu pudesse espiar para dentro de mim e refazer os pontos desfeitos.

Ainda que invisíveis as agulhas e fios utilizados nessa tecitura escrita, não poderia deixar de citar alguns artistas que trago como fonte inspiradora, o artista Arthur Bispo do Rosário e sua obra. Da mesma forma, trago a obra *A vida é sonho*, de La Barca, embora seja ícone do teatro espanhol do século XVII, o autor discute a existência de uma linha muito tênue entre o sonho e a realidade, menciona a inconstância do corpo entre o estado do sonho e o real (LA BARCA, 1992).

Nesse sentido, as reflexões tecidas pelo personagem Segismundo, cabem perfeitamente ainda nos dias de hoje a fim de encontrar respostas a perguntas como: Quem sou eu? Qual corpo habito?

Num entrelace de arte e docência, tenciono os pontos das costuras sobre a pele, e deixo que os fios se espalhem sobre ela até caírem por suas bordas, e derramarem pelo chão como as águas que seguem seu curso até desaguarem em um rio maior. Tingidas pela cor da literatura deixei-me levar pela narrativa de autores como, Carolina de Jesus e Françoise Ega, Conceição Evaristo, Marina Colasanti, Tátia Rangel, Bartolomeu Campos de Queirós, Pina Bausch, Frida Kahlo, Rosângela Rennó, Sônia Machado de Azevedo, Fátima Freire Dowbor, Eliane Alves da Cruz, Jeferson Tenório, entre tantos outros e outras.

O deslocamento dos fios num fluxo contínuo, implica no movimento que tece e ressignifica a pele expandida em corpo. Assim, o que move o meu corpo a se mover é o desejo de ativar as memórias e alargar as costuras que tecem e ajustam o corpo de mulheres e professoras. Tendo a arte como a agulha que conduz o fio na tecitura dos múltiplos e infinitos corpos que habitamos, sigo entrelaçando essas mulheres, para que com seus fios e agulhas entrelacem outras e outras, alunas, mães, educadoras...

A escrita desta autoficção moveu meu corpo para além do estudo ao qual eu me propus. As memórias ativadas durante todo o movimento de estudo e pesquisa foram determinantes para o meu existir no campo da arte e da produção artística.

Ativar as memórias me possibilitaram incorporar o vivido e tornar corpo aquilo que jamais existiu!

CONTINUA...

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Pedro Simon. Encontrando em Pina Bausch os caminhos para as memórias do corpo. *In:* DE JESUS, S. (Org). **Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias e afetos.** Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015. p. 448-457. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2015.GT2_pedroaraujo.pdf. Acesso em: 05 jan. 2023.

BRETON, David Le. **Desaparecer de si. Uma tentação contemporânea.** Petrópolis: Vozes, 2018.

BROOK, Peter. **A Porta Aberta.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BURDA. Feliz aniversário, Burda! **Burda style.pt.** Disponível em: https://www.burdastyle.pt/70anos-burda-pt Acesso em 01 ago. 2023.

BUTTERICK. Padrão de costura de lingerie. **Revista Butterick,** n. 5805 Vintage. 1951.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação (SME). **Currículo Básico da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: compromisso permanente para a melhoria da qualidade do ensino na escola pública.** Curitiba: Secretaria Municipal da Educação, 1995.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação (SME) e Fundação Cultural de Curitiba (FCC). **Arte e vida: fronteiras em aberto.** Catálogo da IV Bienal de Arte/Educação da SME de Curitiba. Curitiba, 2019.

CURITIBA. Prefeitura Municipal de Curitiba. Secretaria Municipal da Educação. **Referencial da Educação em Tempo Integral da Rede Municipal de Ensino de Curitiba – Práticas Artísticas.** Curitiba. 104p. 2020. Disponível em: https://mid-educacao.curitiba.pr.gov.br/2021/5/pdf/00295752.pdf Acesso em: 15 jul. 2023.

COLASANTI, Marina. **A Moça Tecelã.** São Paulo: Global, 2004. 20p.

EVARISTO, Conceição. **Eu – mulher.** Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017. 92p.

FERNANDES, Ciane. **Pina Bausch e o Wuppertal Dança-Teatro:** repetição e transformação. São Paulo: Anna Blume, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**. São Paulo: Cortez,1992.

FRANCISCO, EL HOMBRE. Triste, Louca ou Má. Intérpretes: Juliana Strassacapa; Mateo Piracés-Ugarte; Sebastián Piracés-Ugarte; Andrei Martinez Kozyreff; Rafael Gomes. *In:* Francisco, el Hombre. **Soltasbruxa**. Estúdio Navegantes, 2016. Gravação do clipe - La Habana, Cuba: Danza Voluminosa, 2016. Clipe de Música.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lKmYTHgBNoE. Acesso em: 30 jun. 2023.

GREINER, C.; KATZ, H. Por uma teoria da corpomídia ou a questão epistemológica do corpo. 2005. *In:* GREINER, C. ***O corpo****: Pistas para estudos indisciplinares*. São Paulo: Anna Blume, 2005. Disponível em: http://archivoartea.uclm.es/textos/por-uma-teoria-do-corpomidia-ou-a-questao-epistemologica-do-corpo/. Acesso em:14 jan. 2022.

JOSILENE. *In:* Dicionário de Nomes Próprios: significado dos nomes. Disponível em: https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/josilene/. Acesso em: 20 mar. 2023.

KOUDELA, Ingrid Dormien; ALMEIDA Junior José Simões de. (Org.) **Léxico de pedagogia do teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2015. 208p.

LA BARCA, Calderon. **A vida é sonho.** Tradução**:** Renata Pallottini. São Paulo: Página Aberta Ltda,1992.

MIGUEL, Flávio. Neve em Canela, Rio Grande do Sul. Wikimedia Commons. Fotografia. Catedral Igreja Matriz de Nossa Senhora de Lourdes, Canela (RS), 2013. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Neve_em_Canela.jpg. Acesso em 26 maio 2023.

MOSSI, Cristian Poletti. Teoria em Ato: o que pode e aprende o corpo? **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1541-1552, dez. 2015. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/109920/108416. Acesso em: 17 jun. 2021.

OLIVEIRA, M.; GOMES, S; PEREIRA, D. 2021. Horizontes para pensar o conceito de corpo: epistemologias de nós. Dossiê: Nossos Corpos de Todos os Dias (Parte 01). **Ambivalências - Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder- UFS,** v.9, n. 17, p. 41 – 60, jan.-jun./2021.

PAPE, Lygia. **Ttéia** (Escultura). 2002. Fotografia da obra por Willian Gomes. *In:* Museu de Arte Contemporânea Inhotim. Guia Inhotim: Acervo e Arquitetura. Brumadinho: Inhotim, 2021, p. 34.

PAVANI, M. S. Corpo, linguagem e educação. **Revista Ciência Arte do Corpo,** v.1, n.1, não p., 2011.

SANTOS, Bruno. Catedral de Pedra. iStockphoto. Foto aérea. Canela-Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: https://www.istockphoto.com/br/foto/catedral-de-pedra-gm1126924184-296847851?phrase=canela+rio+grande+do+sul. Acesso em: 25 maio 2023.

STRASSACAPA, Ju Du. **Triste louca ou má.** [Gravação de áudio]. Intérprete: Francisco el Hombre. No Álbum “SoltasBruxa”. Gravadora: Studio Showlivre, 2016.

SUASSUNA, Ariano. Auto da Compadecida. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1996.

VANDRÉ, Geraldo. **Para não dizer que não falei das flores.** Intérprete: Geraldo Vandré. Álbum “Geraldo Vandré”. Gravadora: Philips, 1968. Gravação de áudio. Faixa 5.

ANEXOS

Anexo 1

Texto dramático escrito durante o curso Teatro e gênero no ano de 2008.

Preso por um broche...

Josilene de Oliveira Fonseca

Pecado... Quase quarentona...

Os sapatos vermelhos eram a única coisa colorida naquela rua...

Desenhou melhor a boca...

Quase inteiramente nua, a não ser pelas meias.

Estalactite, estalagmite vermelho de cima vermelho de baixo.

Contemplou os pés nus

Nas mãos segurava um broche com a imagem de Santa Madalena.

As marcas do corpo fugiam a memória...

***Solange** – Mas Santa? Você? Como pode?*

***Santa** – É isso mesmo! Desenhei melhor a boca.*

***Solange** – Não vejo problema, mas... sabe como é... As pessoas falam, né!*

***OFF** - Quase inteiramente nua a não ser pelas meias...*

***Santa** – Eu quero que se fodam! Na minha vida mando eu.*

***Solange** - Você não vive sozinha neste mundo. O mundo não gira em torno do teu umbigo. Do jeito que a coisa tá indo não vai sobrar um pra carregar o teu caixão.*

***Santa** - Unhas sem esmalte? Nem pensar... Adoro um vermelho!*

Solange *– É, dá pra perceber.*

Santa *– Você nem imagina, o vermelho era a única coisa colorida naquela rua. Meu corpo fica varado de prazer quando me lembro.*

Solange *– Um corpo sem nome varado de prazer... As marcas ficam tatuadas no corpo/memória.*

Santa *– É... Um corpo marcado pelos saltos finos e altos. Eu sempre gostei de dançar, fui quase uma bailarina. Gestos precisos, elegantes que deslizavam... Eu me preparava para o mundo...Acreditava no meu sonho.*

OFF *- Quase inteiramente nua a não ser pelas meias...*

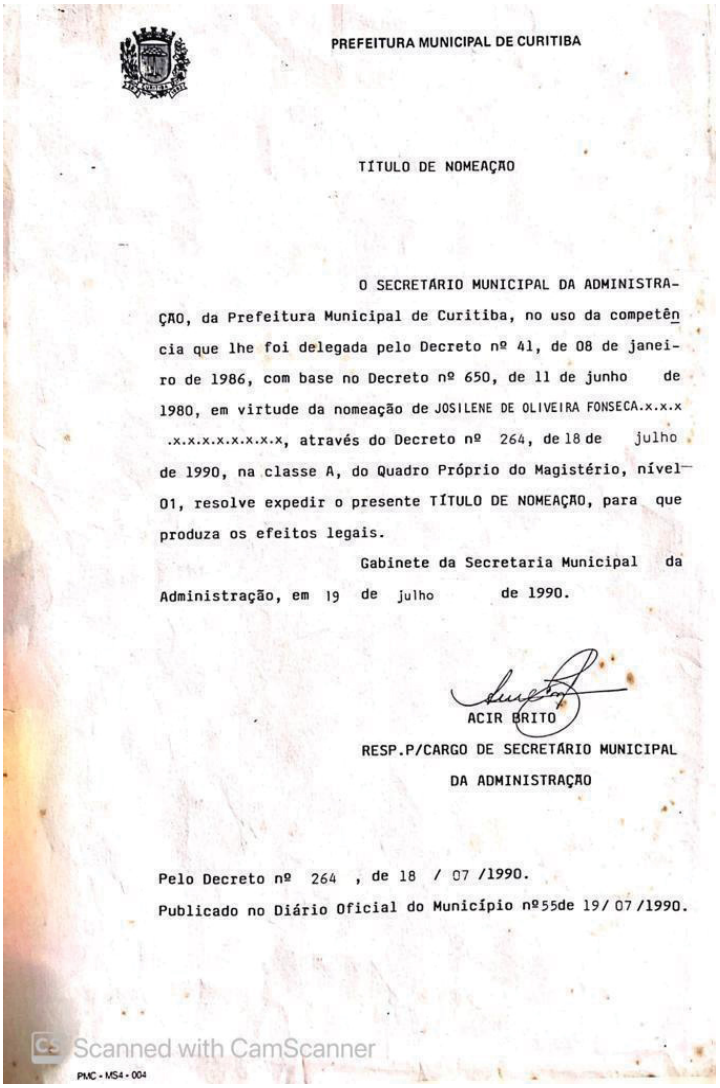
Santa - *Meu corpo sem códigos decifráveis passou a ser o alvo...*

Solange *– Pecado! A vida presa por um broche...*

Santa *– Apenas por um broche. Um broche vermelho.*

Memória – *Natural da Paraíba, Maria Santarina aos 15 anos foi expulsa de casa por não obedecer aos princípios morais e religiosos defendidos pela mãe e pelo padrasto. Santarina buscou nas orações a esperança e o alívio da dor do não pertencimento, do não lugar. Preces que nada contribuíram. No entanto, acolhida no submundo da sociedade, ela berra sua existência.*

Anexo 2



PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA

TÍTULO DE NOMEAÇÃO

O SECRETÁRIO MUNICIPAL DA ADMINISTRAÇÃO, da Prefeitura Municipal de Curitiba, no uso da competência que lhe foi delegada pelo Decreto nº 41, de 08 de janeiro de 1986, com base no Decreto nº 650, de 11 de junho de 1980, em virtude da nomeação de JOSILENE DE OLIVEIRA FONSECA.x.x.x .x.x.x.x.x.x.x.x, através do Decreto nº 264, de 18 de julho de 1990, na classe A, do Quadro Próprio do Magistério, nível 01, resolve expedir o presente TÍTULO DE NOMEAÇÃO, para que produza os efeitos legais.

Gabinete da Secretaria Municipal da Administração, em 19 de julho de 1990.

ACIR BRITO
RESP.P/CARGO DE SECRETÁRIO MUNICIPAL
DA ADMINISTRAÇÃO

Pelo Decreto nº 264 , de 18 / 07 /1990.
Publicado no Diário Oficial do Município nº55de 19/ 07 /1990.

Scanned with CamScanner

PMC - MS4 - 004

Boneca Mãe

Anexo 3

Liteira da família Velho

Fonte: Museu do Coche Portugal

Anexo 4

Brasão da família Velho

Fonte: Museu do Coche Portugal